

ILUSTRAÇÃO

N.º 309 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÓDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os idosos, etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

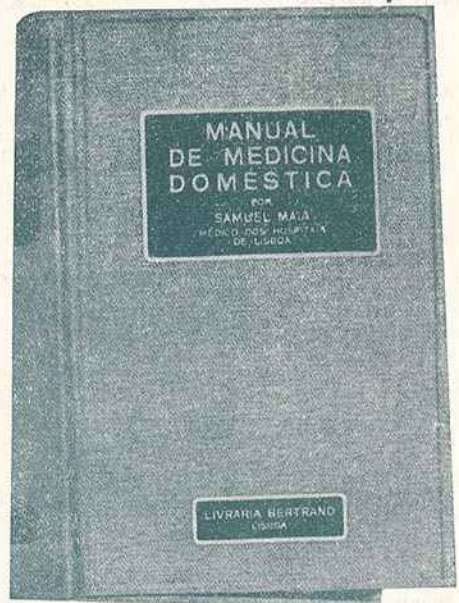
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

ACABA DE APARECER

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde, Esc. 15\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

O MAIS AUTORIZADO

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa

é o de GONÇALVES VIANA

Filólogo ilustre, relator que foi da Reforma ortográfica, autoridade incontestável de ortografia nacional

O mais completo, com mais de cem mil vocábulos, e com as bases do acordo luso-brasileiro

1 vol. de 664 págs., a 3 colunas cada pág., encad. Esc. 15\$00 — Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias e
Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

O melhor método para aprender a ler

JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada 2\$00

Album da Cartilha Maternal, enc. 90\$00

Guia da Cartilha Maternal, 1 f.l. 2\$00

A Cartilha Maternal de João de Deus é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário

Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



As imitações..

.. valem menos
do que costumam
Cafiaspirina
custa menos
do que vale.

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA FORMIDÁVEL
Destinada a grande sucesso
Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO

(PADRE DAMIÃO)

Por **PIERRE CROIDYS**

SUCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O síndrome de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefácio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO
para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA
de todos os editores, tanto nacionais
como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

NESTE dia de piedosa homenagem aos mortos, todos se dirigem ao cemitério a cobrir de flores as campas dos seus entes queridos.

Ainda assim, a igualdade não é completa. Entre os mortos também há enfeitados... Quem atravessar um cemitério, num dia de finados, encontrará, entre as sepulturas vistosamente engalanadas, algumas em completo abandono, em cujo dorso não viceja nem mesmo uma triste flor bravia.

Tudo isso nos vem denunciar que todo aquele que viveu e morreu na desgraça, desgraçado continua a ser mesmo após a morte. Por mais que se diga que a sinistra Parca a todos nivela com a sua foíce inexorável, as diferenças subsistem e subsistirão enquanto o Mundo fôr Mundo.

DIA DE FINADOS HOMENAGEM AOS MORTOS

É certo que a magnificência de um jazigo, encimado por uma estátua alegórica de bom escultor, não basta para dar uma ideia da mágoa de quem o mandou edificar.

Muitas vezes, uma tosca campa raza é regada por lágrimas mais ardentes.

Nas gravuras que abaixo reproduzimos, vêem-se duas sepulturas: uma cuidada com todo o esmero, e outra em completo abandono, dando o aspecto desolador de uma estrumeira!

Que tristeza isto nos faz!

Não venham dizer-nos que a morte a todos nivela!... Daí a desilusão que nos leva à misantropia...

Razão tinha, pois, o velho Tymon que, lá dos confins da Grécia, levou a sua longa existência a fugir dos seus semelhantes, e evitar

tudo e qualquer contacto fôsse com quem fôsse. Mandou construir um jazigo, em cujo frontão fez gravar o seguinte epitáfio escrito por êle próprio:

Ó tu que passas,

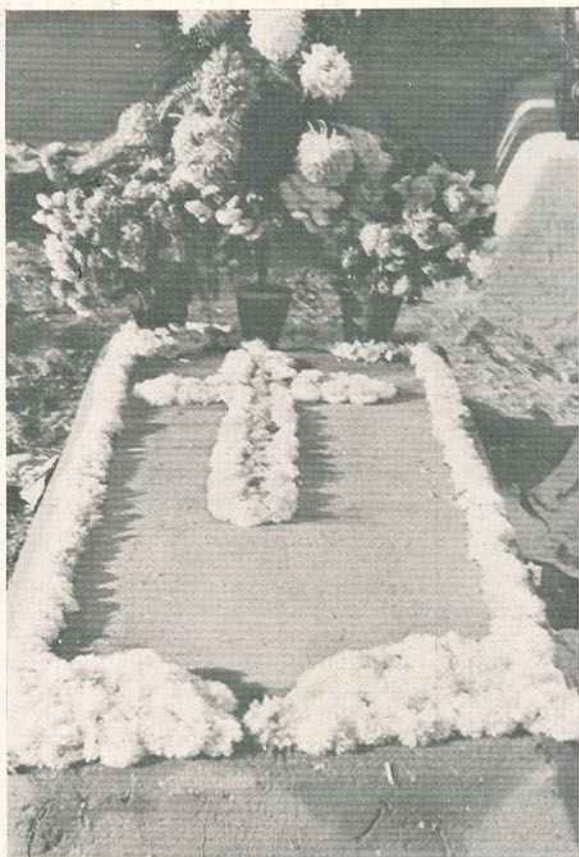
Não pãres...

Pois sabes o ardor que inda me anima?

O de que êste mausoleu te caia em cima!

Este homem, que todos consideraram perverso, deveria ter sofrido muito para chegar a uma tal desilusão.

Ao menos êste ainda teve a franqueza de patentear o que sentia, ignorando as ervadas hipocrisias dos tempos de hoje...



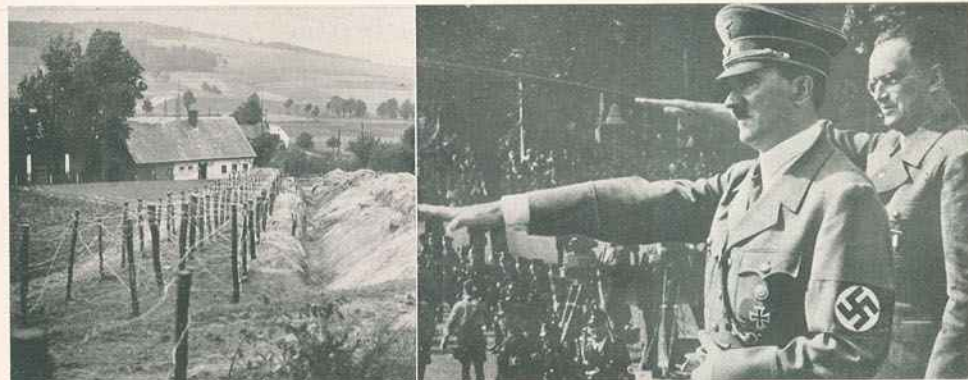
COMO OS CHECOS SE TINHAM PREPARADO PARA A DEFESA DAS SUAS FRONTEIRAS



Em cima, à esquerda: Após a ocupação dos sudetas, Hitler presidiu a um almoço, ao ar livre, num local perto de Anch, do território ocupado. Na gravura acima vêm-se o general Von Reichenau, Hitler, Henlein e o general Keitel. — À direita: Defesas ocultas que os checos tinham preparado colocando arame farpado nos caminhos dos bosques

Ao centro, à esquerda: Fortificações em cimento armado que os checos tinham construído, e das quais se podia varrer a tiro de metralhadora pesada todas as imediações. — À direita: Hitler examinando as fortificações dos checos

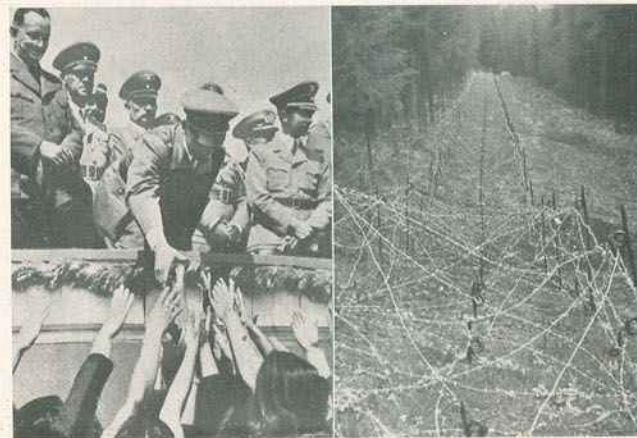
Em baixo, à esquerda: Um aspecto do estado em que ficou a região sudeta, vendo-se os alemães construindo afanosamente o que foi destruído, incluindo as próprias estradas que foram escaladas a dinamite. — À direita: Um curioso aspecto da linha de defesa dos checos e que bom trabalho tem dado a destruir: Nestas vigas de ferro em forma de estrêla, os tanks ficariam inutilizados por maior que fosse a sua resistência. Além disso, ainda era preciso transportar uma linha de arame farpado. Isto veio provar que os checos estavam solidamente preparados para sofrer o embate das tropas alemãs que não tardariam a invadir a fronteira.



Em cima, à esquerda: Aldéias sudetas que os checos, na esperança de resistência, tinham fortificado, formando a sua linha «Schöber», com arame farpado e trincheiras em todas as direcções. — À direita: Hitler e Henlein, após o discurso de Breslau

Ao centro, à esquerda: Uma ponte constituída em cimento armado que foi dinamitada perto de Breitenfurth. Como se vê, o edifício que lhe ficava próximo, sofreu grandes danos — À direita: Um forte oculo da linha «Schöber», que os checos tinham para sua defesa, caso tivessem de recorrer às armas

Em baixo, à esquerda: Hitler, com Henlein, o dr. Frick e o dr. Goebels na sua visita aos sudetas, recebendo os cumprimentos dos seus correligionários. — À direita: Maciscos de arame farpado que se estendiam diante das obras de fortificação da linha «Schöber» dos checos. Com grandes sacrifícios pecuniários, estes contruíram ao longo da fronteira uma cintura de fortificações em que predominava o cimento e o ferro, na esperança de poder resistir, o mais possível, ao terrível choque que esperavam



ECOS DA QUINZENA



Um aspecto da reunião no Governo Civil de Lisboa para a campanha eleitoral. Compareceram as autoridades administrativas, candidatos a deputados, procuradores à Câmara Corporativa, presidentes da Junta de Freguezia e comissões políticas da União Nacional do distrito, tendo o sr. coronel Lobo da Costa proferido um importante discurso a propósito da nova Legislatura

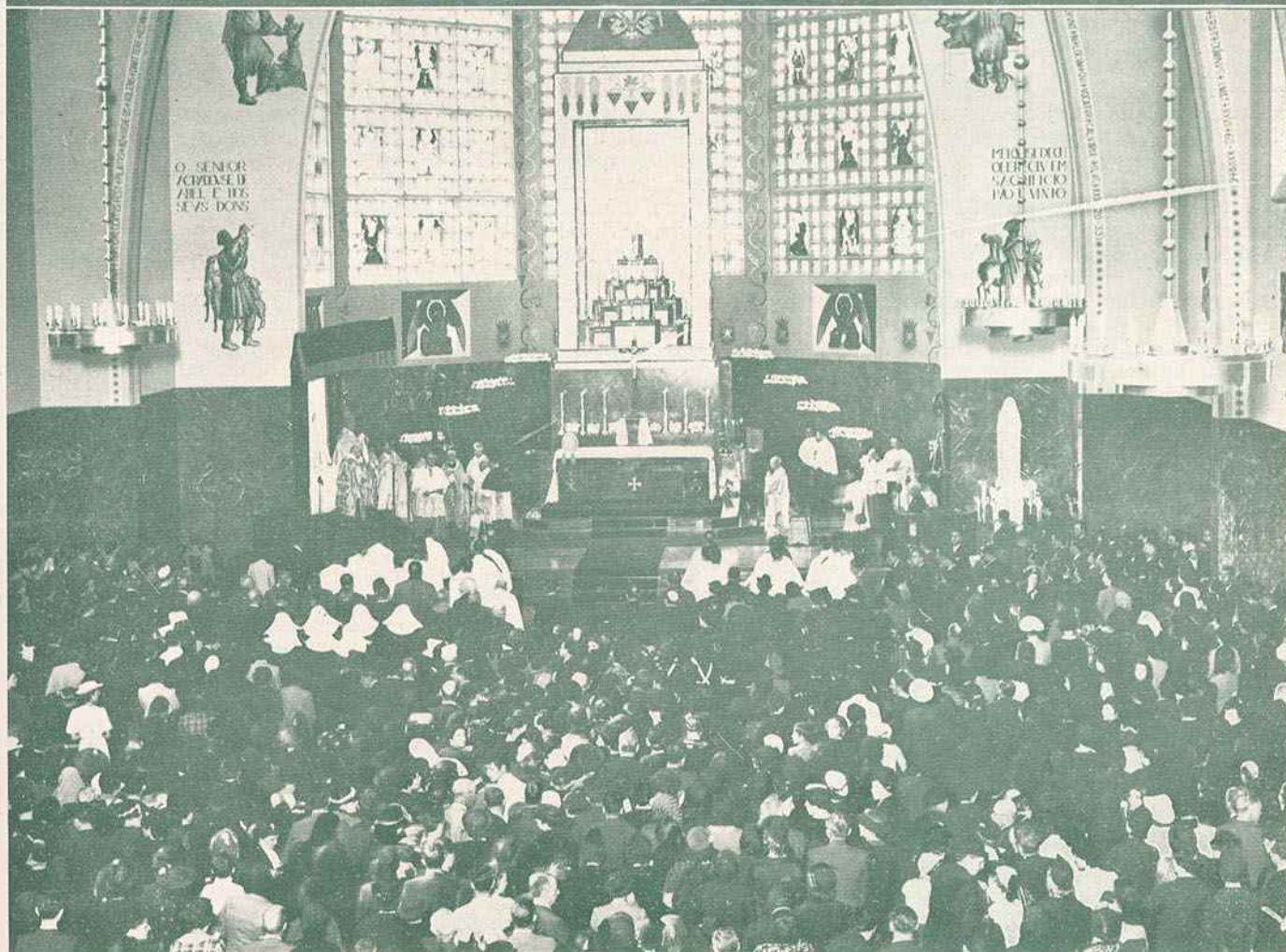


Os médicos católicos com o sr. Cardial Patriarca no palácio patriarcal quando da cerimónia da comemoração da fé litúrgica do evangelista S. Lucas, patrono da classe médica. Assistiram a esta festa religiosa os sócios da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, a quem o sr. Cardial Patriarca dirigiu uma brilhante alocução

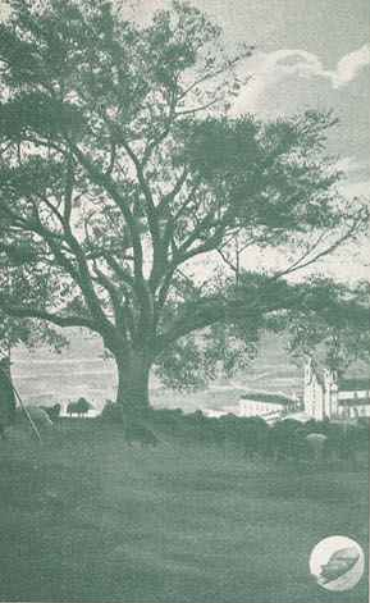


O estado em que ficou o automóvel que, há dias, chocou com uma camioneta na estrada de Constância. Neste desastre perdera a vida o sargento Alves Gil e ficaram feridos quatro passageiros. As autoridades procuram averiguar as causas do desastre, parecendo que se trata de um dos muitos casos que a maior cautela não pode prever

INAUGURAÇÃO DA NOVA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA



EM CIMA: O sr. Cardinal Patriarca com algumas entidades oficiais assistindo à cerimónia. — EM BAIXO: Um aspecto da nova igreja durante as cerimónias litúrgicas da sua inauguração. O novo templo foi construído na Avenida de Berne em Lisboa



A Carvalhal do Oleiro em Seia

Há quantos anos isto foi!

Há tanta ceia, que me foi dado compartilhar, preside José dos Santos Nobre, ancião octogenário, patriarca da família. E, entre os convivas, António de Abranches Nobre, o dono da loja que me fez transitar do pesadelo para aquela fagueira realidade, seu irmão o padre Cândido Nobre, pároco de S. Gião e coadjutor do vigário de Vide (o seu tio, Padre Joaquim António dos Santos, ausente, a banhos, na Figueira da Foz), o dr. P.^o Leonardo de Castro, o P.^o Ferreira da Cruz, pároco de Alvôco da Serra, o P.^o Manuel Pedro, pároco de Teixeira, e o P.^o Emfídio de Figueiredo, pároco da Cabeça.



Rebanho nos arredores de Seia

Conversa-se até às duas da manhã... E, quando me vou deitar, não sinto cansaço nem sono!

Encontro sobre a mesinha de cabeceira um livro: clareia a aurora, e ainda o estou lendo! É um livro encantador, perturbante. O seu autor é Santo Afonso de Ligório: não me esquecerei mais do ardente místico, que é um grande escritor.

Percorro a povoação, acompanhado pelo professor Carlos Nobre, enquanto os senhores padres se entregam às obrigações eclesásticas da festividade do Santíssimo Sacramento.

Vide é rodeada de altas montanhas, sendo a mais elevada a do Colcurinho (1.300 m) e, por isso, apesar das inclemências dos temporais que assolam na invernia a região alpestre a que pertence (encontra-se na pendente sudoeste da Estrêla) o seu clima é mais temperado do que poderia supôr-se.

Atravessada por uma ribeira de abundantes águas, o seu solo é rico.

As terras altas são regadas por uma levada que corre por três quilómetros, desde Casal do Rei.

Uma ponte em cantaria de granito, cuja construção se atribui a D. Diniz, é graciosíssima.

Esta ponte, um cruzeiro do século XVIII, em granito fino (pedra milheira, se diz, distinguindo-o do granito grosseiro ou de *dente de cavalo*) a capela do Senhor do Calvário e a Igreja matriz são os monumentos do povoado, que foi em tempos remotos vila e sede de concelho, com justiças próprias.

Pertence a freguezia de Vide ao concelho de Seia, desde que em 1855 foi extinto o de Loriga, ao qual se unira, e é limítrofe das freguezias de Aldeia dos Dez, de Alvôco da Serra, de Alvôco da Várzea, de Cabeça, de Loriga, de Piódão, de Sandomil, de Sazes, de São Gião e de Teixeira, confinando com os concelhos de Oliveira do Hospital, de Arganile da Covilhã.

A antiga Igreja, talvez contemporânea de edificação da ponte, caiu em ruínas, sendo aproveitado o seu chão para cemitério. A actual matriz, erguida há de dois

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Com a Serra da Estrêla à vista!

Seguindo de Vide a Seia por Loriga, Valezim e S. Romão

séculos, da invocação de Nossa Senhora de Assunção, é duma só nave, com ampla sacristia, altar mór e dois altares laterais.

O culto é ainda servido na freguezia por mais sete capelas, com festividades ou romarias anuais.

Censuravam um protestante alemão, o Conde von Stalberg, que se convertera ao catolicismo:

— Cave no solo, que o viu nascer, e encontrará os seus mortos: seus pais, protestantes; seus avós, protestante; seus bisavós...

Interrompendo a censura, respondeu: — E continuando a cavar, chego ao século XVI, e vejo que todos os meus ancestrais são católicos!

Pode observar-se que, se profundasse mais, encontraria na sua ascendência, até Adão e Eva, outros cultos familiares...

Mas o certo é que a religião tem e teve sempre um grande logar na vida dos homens; e não pode deixar de impressionar, a quem percorre estas solidões, a existência de tantos templos levantados por tantos séculos ao Crucificado. A reflexão de que antes destes, outros se teriam dedicado a Júpiter, e antes de Júpiter, aos deuses lusitanos, não invalida, e antes confirma, o assêrto. Por isso eu costumava dizer: — Se querem destruir a religião católica, vejam lá qual darão a Portugal, em troca...

Só as religiões matam as religiões: o ateísmo não deu cabo de nenhuma.

Estes padres, com quem falei, parecem-me que estão inteirados desta filosofia.

O sr. Joaquim Ribeiro Nobre, irmão do falecido dr. Ribeiro Nobre, autor do compêndio de *Física*, que, por tanto tempo, foi adoptado no ensino liceal, convida-me para sua casa, uma bela vivenda, que domina todo o lugar. Sua esposa, D. Maria da Encarnação, é duma rara simplicidade senhoril: a sua beleza, a sua bondade, a sua cultura marcam uma alicante recordação. A seu lado encontramos a doutora D. Maria Tereza Nobre, sua sobrinha, viuva do dr. Felismino Ribeiro Gomes, que morreu na flor da idade, sendo assistente de química na Universidade de Coimbra.

Passámos da sala de visitas à varanda, que dá para nascente; adornada de plantas — craveiros, begónias, amarílis, cactos, fetos — é um verdadeiro jardim suspenso. Ali nos foi dado passar, no coração da serraiana beirã, uma hora de doce espiritualidade.

Às 3 da tarde despedi-me da família Nobre, mais do que com gratidão, com saúde.

O professor José Maria d'Almeida, meu

velho amigo, viera de Gondufe, aldeia próxima do Colcurinho, para acompanhar-me; saímos de Vide, a cavalo.

O último abraço foi para o padre Cândido? É um homem de trato cativante, de urbanidade perfeita. E os seus olhos azuis espalham tanta doçura, e as suas palavras tanta suavidade! Mereceria mil abraços; mas o último, o meu mais apertado abraço, foi para o Amaral, aquele pobre, tão rico de esperanças, que no desamparo das primeiras horas de Vide, conseguiu comunicar-me o seu optimismo, e por cuja mão Deus me levou a êsse lar dos Nobres, onde encontrei gashal e ternura inesquecíveis.

Subimos por um áspero cabeço, em direcção da Fonte de Oiro.

E ainda o sol arde, quando entramos na Malhada Grande.

O terreno é agreste. O medronheiro, tão abundante na região, mal viceja no schisto n. Mas a magnífica vista que se alcança consola-nos do calor e do mau trilhio.

À direita fica-nos um imenso vale, aqui e além cortado de grandes afloramentos de penedia. Ao longo dêsse vale, que vamos ladeando muito de alto, descorriam-se, pitorescemente, povoações e quintas: Boloquinhos, Muro, Barriosa, Casal do Rei e Cabeça, rodeadas de sotos de castanheiros.

Das encostas, vertical ou obliquamente, despenham-se brutais lasquédos; alguns pinhais amenizam esta rudeza.

Tudo o caminho é íngreme, a lanceiro.

Os valagões para os lados do Casal do Rei são surpreendentes, mas é do Alto de Sazes que o cenário alpestre mais se caracteriza: três imponentíssimas vagas correm dos cimos da Estrêla: a última forma o Colcurinho. Sobre a majestosa ondulação das cumeadas, abruptas aspezas de pedregais, perfis atormentados de contrafortes, sulcos de despenhadeiros...

Para a esquerda, são planos sucessivos de relevo brando, baixando á Terra Chã, além da qual se avistam as serras do Caramulo, da Grallheira e de Montemuro.

À Cruz do Leme entramos num lançaço da estrada da Covilhã a Alvôco; desmontámos. E, despedindo o criado com os cavalos, seguimos a pé.

Passa perto a levada da Eléctrica, que cai nos Jugalts.

Na profundidade, a povoação de Sazes, rodeada de culturas. E, dispersos, casais, alpendres, eiras. Manchas de pinhais e matos, entre lombas e espinhaços schistosos que se crivam de lanças de lasquedo.

Da garganta, onde subimos, avulta um trecho da Estrêla, em que se azula o ar no sombrio relêvo da gigantesca mole granítica.

Chegámos à Portela de Arão, a mais de 900 metros de altitude.

Já o sol descaí sobre o Mar: vêm-lo baixar entre o Buçaco e o Caramulo, no esplendor do poente.

E começamos a descer para Loriga...

É um fundão inconcebível! Mas a estrada que lá conduz, embora precipitosa, é lisa, areiada, branca...

Ao passo que descemos, as cumeadas parecem mais juntas: dir-se-ia que avançam, que caminham para nós, que vão cerrar-se... Paramos um pouco, a restabelecer o equilíbrio dos nervos cansados... Não; as montanhas estão, de facto, imóveis; são as sombras que avançam...

Sentem-se chocalhos de rebanhos e murmúrios de águas, entre giestas. Um noitibó esvoaça, pesadamente.

A noite paira: as coisas perdem a nitidez dos contornos; tódas as linhas vão morrendo. Ainda na quebrada, à direita, o caminho velho traça o seu rasto indeciso até o negreume denso dos pinhais.

O último palôr de sol, num dilúculo de pérola, nimbua, um instante, ao alto, a Cruz do Leme...

Já, sobre o Calcurinho, a primeira estrêla brilha!

Dirigimo-nos para a igreja, porque trazemos para o pároco de Loriga uma carta de recomendação do Padre Cândido...

O templo dá-nos uma impressão de pavor!

Tão bruxoleantes as luzes na escuridão da nave, que o vigário (um homem ainda moço, alto e vigoroso) não consegue delectar o escrito do seu colega de S. Gião.

O mulhierio divaga em nossa volta, arrepelando as grenhas, soltando gritos, arrastando-se pelo chão...

Não sei de que se trata, mas nenhum sentimento verdadeiramente religioso me parece possível com êste espectáculo que viemos surpreender, e m que nada é natural e humano senão o desabalado chôro de algumas pobres



A ponte de Valezim

crianças, que se espolinham à beira dos altares.

Haverá na liturgia católica, no calendário do mês de Setembro, qualquer coisa que autorize estas cenas lígubres, estas momices ridículas, êste berreiro infernal?

Quando tudo aquilo acabou, o padre foi apresentar-nos a uma senhora viuva, que nos prestou, por não exagerado preço, ceia e cama; depois sumiu-se para o interior da casa, onde devia ser hospede também: até de manhãzinha ouvimos, em quarto pegado ao nosso, suspiros e gemer, e de tal modo que nos pareceu que o ritual gentilício continuava pela noite dentro nas casas particulares, e naquela muito à custa do nosso sossego...

Tomada a desjejua de leite e pão, pomo-nos a caminho.

O sol doira, ao alto, o Monte de S. Bartolomeu, sem que um só dos seus raios illumine êste fundão de Loriga, já todo cheio do rumor das fábricas, do rolardos carros de lavoura e de cantos de pegureiros que conduzem o gado ao pastio.

Nesta altitude ainda a oliveira acomodada, em frondosa vegetação, o carva-



Loriga



Um trecho de S. Romão

lho e o castanheiro. Dos cereais, o mais cultivado é ainda o milho. Vinha, pouca. A pastoreação do gado vacum, caprino e ovino tem grande importância económica nestas paragens.

Emfim descortina-se o sol entre os montes da Celada e de S. Bento: sobranceiros ao povoado os ciclópicos rochedos acordam no fulgor da luz, que se difunde pelo vale.

Pela grande gola, que a Penha dos Abutres e a das Vistas de Loriga encerram, corre a ribeira dos Covões, onde se represam as águas, que acionam as fábricas de lanifícios e regam as férteis terras: Covões do Serrano, das Quelhas, da Francelha, da Areia, da Nave, das Maias e da Lameira.

Começamos subindo pelas Calçadas. No Malhapão contemplamos a Penha do Gato, um dos mais formidáveis bastiões de Loriga; estendendo a vista, abrangem-se, além do povoado, a Chã de Soito, o Torno e o Pisão, já nas vizinhanças da Cabeça.

Ao fim de meia hora, alcançamos a Portela de Arão.

Atalhamos pelo caminho velho. À borda dum pinhal, aos Lameiros, encontramos rebanhos, pastoreados por crianças, que estão jantando. Pois é meio dia... Também nós comemos do farnel, que José Maria trouxe de Gondufe.

Os gados saem de madrugada, e só voltam aos currais ao lusco-fusco.

As ovelhas, com o calor, amoioam, em rodeio: guardam as cabeças do sol,

metendo-as por debaixo do corpo, umas das outras.

Um dos pequenos — Eduardo Santos — sabe ler, e é esperto.

Diz-nos que aqui há muitas nascentes, e tôdas correm para Sazes, juntando-se num ribeiro que vai a Sandomil, lançar-se ao Alva. Explica que, ao cimo das Lameiras, existe uma *leira de água*, que, mesmo no pino do verão, é de admirar. E, falando de doenças, informa que perto, num subôco, há um lugar onde

uma epidemia matou mais de metade dos moradores: é a aldeia das Corgas.

No despenhadeiro, vê-se Sazes-o-Velho, extranho acampamento de pequenas moradias cobertas de lasca.

Um vasto panorama se oferece a nossos olhos deslumbrados; para além do vale do Mondêgo, avistam-se as serras distantes: Montemuro, S. Macário, até aos confins do Douro; Caramulo, Gralheira, Buçaco, até ao Oceano — tôda a Beira Alta compreendida!

Descemos para Valezim.

A povoação, antiga sede de concelho, é excelentemente situada, e os seus terrenos graníticos de grande fertilidade.

Foi também, em tempos de maior prosperidade, muito ilustrada; em 1860 tinha sete bachareis formados, e, quanto a sacerdotes, bastará dizer que ainda se chama a um pitoresco sítio visinho — *Passeio dos Padres*: "há memória, informa Pinho Leal, de se vêrem ali passear simultaneamente dezoito presbíteros," todos nascidos em Valezim.

Depois de dormirmos a sêsta nos pinhais, que balsamizam o ar fino, continuamos a jornada.

Próximo de Vila Cova da Coelheira, transpomos um valagão, e é uma verdadeira floresta que se nos depara...

A estrada segue, volteando; sempre à direita a montanha bravía, e à esquerda os ullimos pendores deleitosos que avizinham a Terra Chã.

Em frente a um bosquêdo silvestre que vem até à estrada, rolando da Lapa dos Dinheiros, num desnível de tresentos metros, desprende-se, sôbre o Alva, um

oiteirinho gracioso, onde um velho casal se rodeia de carvalhos, de freixos, de nogueiras: a vinha afestôa os muros centenários de granito nú.

Tôda esta estrada, envolta em luz, oferecendo, ora o panorama fundo do grande vale do Mondego, ora quadros de detalhe em que o arvoredor agita, à dôce brisa, a trêmula folhagem, e regatos murmuram, e cordeirinhos andam bailando e pastorinhas cantam — é um encantamento.

Mas, ao chegar à Ponte dos Jugais, tudo é movimento e estridor: águas que se despenham, águas correndo, águas morrendo...

Subindo agora, os castanheiros vestem as encostas de frescura consoladora: lembrem-me as encostas de Sintra. E o rio desliza, sombreado de amieiros, entre fragas.

Sempre a estrada coleando o vale; para a Serra, é um anfiteatro magnífico!

Atrevessamos S. Romão, sem descansar.

É um povoado ridente, onde as águas soltas correm em caudais, e, depois de servir as fábricas e azenhas, se precipitam até espraíar nas várzeas, regando.

Atalhamos por verêdas florestais, apressando o passo...

E é noite, quando chegamos a Seia.

*
*
*

Longo sôno reparador...

Na límpida alvorada, o sol acorda-nos, entrando pelo quarto como em alélua.

Corremos à janela: que vasto horizonte!

Infelizes os que não tenham uma janela como esta, que o sol rasgue, despertando-os para a delícia de manhãs destas!

Visto-me; saio, cheio de optimismo.

Ao fim, fico-me a contemplar o *Palácio das Obras*, com as onze sacadas de frontaria, o qual viu tão esplendidas festas, e que tanta riqueza encerrou.

Sinto, num travor de amargura, baixar no meu coração a tristeza: *sic transit gloria mundi*... Assim passam as grandezas; assim se abate o esplendor da fortuna; assim esmorece a beleza; assim se apaga a vida!

O jardim, abandonado, dá uma impressão de catástrofe... O tanque, de cantarias quebradas, espera, em vão, sequioso.

Magnólias camélias, lilazes, querem falar-nos do que morreu, e parecem dizer, melancólicamente: — Como é hoje, pobre, esta nossa casa rica!

Roseiras bravas bracejam entre os canteiros desfeitos.

No posto da Guarda, instalado no Palácio, camisas esfarrapadas e meias rôtas suspendem-se de arames estendidos, num pregão de miséria.

Do solar dos Albuquerque, desertou todo o passado. Só lhe são fieis as andorinhas, que todos os anos vem — como há um século — suspender os seus ninhos dos mesmos beirais, amorosamente.



S. Romão

LOPES D'OLIVEIRA.

ACTUALIDADES DA QUINZENA



O sr. Presidente da República visitando o II Salão de Outono, interessante exposição de Arte Moderna, de pintura, óleo, desenho, têmpera, e escultura na Sociedade Nacional de Belas Artes. — *A' direita*: O sr. Presidente da República com os srs. ministros da Educação Nacional e das Colónias e membros da direcção do Jardim Zoológico após o descerramento da lápida da biblioteca «Sousa Viterbo»



Os artistas expositores do II Salão de Arte Moderna na Sociedade Nacional de Belas Artes: Amaro Júnior, Maria Gago, Manuel Roque Gameiro, Pedro Guedes, Manuel Lapa, Raimundo Machado da Luz, Francisco Maia, Álvaro Perdigão, Júlio Santos, Beatriz Schiappa de Azevedo, António Serpa, Silva Lino, Tom Escalço Valadas, Gustavo de Vasconcelos. — *A' direita*: O ilustre escritor francês Mr. Octave Aubry com sua esposa, à chegada à estação do Rossio



O sr. prof. Aloysio de Castro, ilustre homem de ciência e intelectual brasileiro com os membros da Academia das Ciências. O discurso de boas vindas foi proferido pelo eminente presidente da Classe de Letras, sr. dr. Júlio Dantas



Busto da Du Barry — por Pajou

disseram adeus ao velho burgo natal e partiram.

Vaucouleurs esqueceu-as rapidamente e só mais tarde, muito mais tarde, quando a pequena Joana se tornou, não a rainha, mas a quasi rainha de França e de Navarra, é que as comadres e os burgueses, maravilhadíssimos com esse conto de fadas, se recordaram das Becu.

Uma vez em Paris, M.^{elle} Becu tantos passos deu, tantas diligências fez que conseguiu a admissão da filha, como recolhida, no convento de Sainte-Aure.

Extranho capricho do destino! Um autêntico diabrete lançado entre pias de água benta!

Porém, em vão, durante os longos anos que ela lá permaneceu, as bondosas freiras que, enganadas pelo seu rostinho de querubim, a tinham acolhido de braços abertos, tentaram fazer de Joana uma flor de virtude. Nem sempre a educação vence o atavismo. Os vícios na adolescente de Vaucouleurs eram inatos. Virgem, pura ainda de tudo, ela já sentia, já compreendia que, se a lama tinha sido o seu berço, a lama havia de ser o seu leito...

Os muros do convento eram altos e espessos, mas não tão altos, nem tão espessos que impedissem os ruídos festivos do mundo exterior de chegar aos ouvidos das recolhidas. Debalde, as freiras lhe haviam repetido que os três piores inimigos da alma eram o Mundo, o Diabo e a Carne, Joana acolhia sempre os ombros rindo e, na ocasião em que, por sua livre vontade, ou por ordem das monjas, saiu do convento, julgou-se a mais feliz das criaturas.

la enfim ver Paris, o Paris, nova Citera, dos *rousés* e das *petites maisons!*

Por esse tempo, a mãezinha Becu encontrara um amante bastante tolo que a desparou. Chamava-se M.^{me} Rançon e trabalhava como costureira em casa dum das mais formosas cortezãs de Paris — M.^{elle} Frédérique, uma criatura esplêndida, ruiva como uma dogessa que dominava soberanamente o riquíssimo financeiro Dumonceaux.

M.^{elle} Frédérique acolheu graciosamente no seu palácio a juvenil educanda. Levou a sua amabilidade a ponto de lhe dizer que não a achava feia e de lhe oferecer alguns dos seus vestidos usados. Mas, um dia, a bela ruiva notou que os olhos do financeiro Dumonceaux, se demoravam com demasiada complacência na filha da sua costureira e resolveu, prudentemente, afastá-la, antes que — fantasia natural de homem maduro — ele se lembrasse de querer provar aquele fruto verde, ainda sem ter sido mordido.

Volvidas semanas, a pequena entrava como criada de quarto e dama de companhia ao serviço duma senhora idosa muito nobre e muito rica — M.^{me} de La Garde.

Foi, embora indirecto, o seu primeiro contacto com essa sociedade, tão frívola como encantadora, e tão corrupta como requintada, que caminhava para o abismo, fazendo mesuras, coqueteando e dançando minuetes.

À porta do palácio de La Garde, detinham-se cadeirinhas armoriadas com al-

NÉVOAS DO Passado da condessa Du Barry

guns dos mais illustres brazões de França, de modo que a aldeãzinha de Vaucouleurs pôde ver, de perto, muitas dessas grandes damas e muitos desses gentis-homens que brilhavam como astros no firmamento mundano de Paris.

E, repetidas vezes, succedeu que esses elegantes gentis-homens vestidos de veludo e setim, com os tricornes destacando-se como enormes borboletas negras na alvura das cabeleiras empoadas e as mãos falcantes de joias emergindo dos amplos punhos de renda, ao olharem a linda *soubrette* de M.^{me} de La Garde esqueceram as grandes damas que passavam majestosas nos seus *panniers* de seda florida de Lyon, encostadas aos seus bastões de punho de Limoges.

Tinham razão. Realmente, nenhuma dessas bonecas pintadas e mosqueadas valia a pequena *soubrette* que com os seus magníficos cabelos louros, cor de ouro pálido, e seus traços regulares, a sua pele alva e rosada como a flor da macieira e os seus grandes olhos azuis de criança, parecia um anjo descido dum quadro de Corrége.

Um anjo de Corrége, vestido de *soubrette* do tempo de Luiz XV, eis o retrato de Joana Becu.

Parece-me vê-la, como se a tivesse conhecido. Vejo-a passar diante dos meus olhos com a touca de fina cambráia branca, poisada sobre os loiros caracóis; a saia tuçada, um pouco curta, deixando a descoberto os pés esguios e os tornozelos finos; o aventalinho engomado guardieiro de folhos e o "fiou", duma alvura deslumbrante, graciosamente cruzado sobre o seio.

Todos os homens a seguiam com olhares de admiração e de desejo sensual, mas nenhum com tanta admiração e tanto desejo como o filho de M.^{me} de La Garde...

Muito mulher, Joana compreendeu imediatamente o que o jovem aspirava obter dela. Porém, longe de repeli-los os galanteios do moço libertino, fez tudo quanto estava ao seu alcance, para o animar a prosseguir.

Estava-se no tempo dos punhos de renda, das cabeleiras empoadas e das finas maneiras palacianas. Na estrada do amor venciam-se as etapas, não com a grosseira rapidez de hoje, mas com uma requintada lentidão. Nesse ponto, o século dos cavaleiros de Fontenoy, punha a perder de vista o dos aviadores de *après-guerre*. Quer para seduzir *una marquise*, quer uma *soubrette*, usava-se um tacto e uma delicadeza infinita sem nunca precipitar os ataques. Era esse o meio das grandes conquistas, o segredo das grandes vitórias.

La Garde principiou por olhar Joana ternamente, tal como os pastores dos quadros de Boucher fitavam as suas pas-

torinhas. Uma vez vencida a etapa dos *Olhares*, transpoz a dos *Sorrisos*, passou a dos *Sinais* e atingiu a das *Confissões amorosas*... Depois, uma tarde, ao encontrá-la sòzinha num corredor deserto leu nos seus olhos que chegara finalmente o momento psicológico... Passou-lhe o braço pela cintura, atraindo-a si. Ela, sem oferecer a mínima resistência, deixou cair a cabeceira loira no ombro do formoso galanteador. E o gentil La Garde colheu naqueles labios que tinham a cor e o perfume das rosas, o mais delicioso dos beijos...

Após esta última etapa dos *Beijos*, os acontecimentos seguiram o seu curso natural, o curso natural dos idílios entre os gentis-homens e as *soubrettes*, no galante século XVIII...

E quem ficou espantada, indignada, revoltada, quando o *pot-aux-roses* se descobriu? M.^{me} de La Garde, a unica culpada, afinal, pois nunca devia, já que seu filho não possuía a virtude de Hipólito, admitir Hebe ao seu serviço.

Acto contínuo, Joana foi despedida e deixou o palácio de La Garde.

Escusado será dizer que o juvenil *roué* esqueceu imediatamente a loira criadinha. Ela também não se desesperou. O amor nessa época frívola e graciosa era, não um sentimento, mas uma fantasia. Uma comédia brilhante no género das de Marivaux. Jámais um drama à maneira dos Corneilles.

Debalde Joana, tentou arranjar outra colocação. Nenhuma senhora cometeu a loucura de admitir no seu lar aquela deliciosa jovem de rosto de arcanjo e olhos da bacante.

Aborrecida, M.^{elle} Bècu, tomou uma resolução. Despiu o avental de cambráia e a touca engomada. Envergou um trajo, já mais senhoril de cassa estampada, colocou sobre os doirados caracóis um grande chapéu preto, ornado de flores e entrou como aprendiz *chez* M.^{me} Labille.

Em pouco tempo a antiga *soubrette* tornou-se a princesa das ruas de Paris. A fama da sua formosura corria por toda a cidade. Bandos de adoradores do belo (artistas uns, libertinos outros) enchiam a rua de Saint Honoré, esperando a hora da saída da linda aprendizada.

Uns, solicitavam alguns instantes de pose no seu atelier. Outros, alguns instantes de pose na sua *petite maison*... E ela, nem a uns, nem a outros, desatendia. Foi assim que, entre muitos, diz-nos a História da Arte, La Tour a retratou e, informando-nos as crônicas galantes do tempo, que, entre muitos outros, La Vauvenardière a possuiu.

Mas, um dia, o passarinho bateu alas e não tornou a aparecer na rua Neuve-des-Petits-Champs.



Madame Du Barry — por Decary

Decorrido algum tempo, soube-se as causas dessa fuga inesperada. A costureira, a fada da agulha, transformara-se em cortezã. Como? De que maneira? Muito simplesmente, como ludo na vida. Joana fôra descoberta, pescada como pérola rara pela célebre Gourdon.

A Gourdon, digna sucessora da Filoca, a célebre *entremetteuse* da Regencia, possuía uma favolagem freqüentada pela alta aristocracia, onde se jogavam partidas infernais; se bebiam os melhores vinhos de França e de Espanha e se encontravam as mais lindas flores do vicio desabrochadas na lama de Paris.

Todas as semanas a Gourdon corria a cidade, em busca de novos *bibelots* de carne, para guarnecer os seus salões. Alguem elogiou na sua presença a beleza de Joana. Acto contínuo, a repugnante criatura pôz-se em campo, resolvida a não descansar, enquanto essa encantadora jovem não estivesse incorporada no seu esquadraço galante.

Dirigiu-se à loja onde Joana trabalhava. Fez algumas compras e, no fim, exigiu que fosse M.^{elle} Bècu quem lhas levasse a casa.

Uma vez lá, a Gourdon, fazendo-se muito affectuosa, verdadeiramente maternal, falou-lhe, nos termos mais elogiativos, da sua beleza radiosa, lamentando, ao mesmo tempo, entre dois suspiros, que aquelas mãos — mãos de lírio espirando em rosas que fariam inveja a uma rainha, estivessem condenadas a estragarem-se com as picadas da agulha e aqueles cílios de ouro a queimarem-se, nos serões das velas. Depois, mudando de assunto, a propósito de uma discussão de modas, mostrou-lhes os lindos trajos que usavam as convivas de sua casa. Em suma, cantou-lhe a eterna canção...

Não foi preciso entoar muitas árias. Logo às primeiras, Joana, completamente fascinada, entregou-se, de corpo e alma, ao demónio tentador da Gourdon.

Semanas depois, Joana Bècu (que, ao dar entrada no esquadraço de Vénus, trocara o seu apelido, um pouco vulgar pelo de Lange) ricamente vestida e coberta de joias, falsas mas vistosas, empunhando o

seu leque como um cèptro, pavoneava-se nos salões da casa Gourdon. E os elegantes gentis-homens e opulentos financeiros que chegavam com as alibairas tilifantes de luízes, não se cansavam de admirar, de festejar, de disputar a nova beldade lançada pela matrôa.

Contudo, devemos reconhecer, não existia na pequena Bècu, ou antes na pequena Lange, como ela preferia ser tratada, o estófo duma Laïs, duma Aspásia, ou duma Frinéa, enfim, dalguma dessas grandes sacerdotisas de Afrodita que soberam elevam-se ao nível das rainhas. Para isso seria necessário ter asas e a aldeãzinha de Vaucouleurs não as possuía. A Gourdon, ao recrutá-la avaliára bem o género a que pertencia aquela cabeceira louca — o da bacante vulgar que vende o corpo seduzido, por uma existência de ociosidade e uns trapos vistosos e que a reformada, quando os ferimentos recebidos ao serviço da Vénus, a põem fora do combate, vai morrer ao hospital.

Um a um, os anos fôram passando. M.^{elle} Lange continuava na tavolagem, fazendo as delícias dos ricos libertinos que ali se davam *rendez-vous*, sem aspirar a subir a regiões mais elevadas.

Mas um dia, o acaso, ou antes a estrela que presidira ao seu nascimento, fez-lhe encontrar o conde du Barry e, desde o primeiro instante, esses dois entes viciosos sentiram-se irresistivelmente atraídos um para o outro.

Esses dois entes viciosos? Foi talvez precipitada e injusta na minha definição. A par de todos os seus defeitos, Joana possuía uma bela alma e um excelente coração, de modo que, na escala do mal, ficava ainda muito acima, a perder de vista mesmo, desse ente sem coração e sem alma — quinta essência da corrupção e da vileza — que não hesitara em deshonrar, praticar as mais vergonhosas acções, o nome dos seus antepassados.

Seja como fôr, o facto é que a pava real e a águia real do vicio, sentiram-se irresistivelmente atraídos um para o outro, a ponto que M.^{lle} Lange, cedendo ao constantes pedidos do conde, dei-



Luiz XV — por Van Loo

xou a Gourdon e foi viver maritalmente com êle.

Trocou apenas uma tavolagem por outra tavolagem, porque, autêntico cavaleiro de indústria e *souteneur*, du Barry convertera o seu palácio numa casa de jôgo e numa pequena Citera.

Ora, era Vénus, em pessoa que êle, com a entrada de Joana, instalava no palácio du Barry. Os adoradores não tardaram a afluír em chusma e o oiro aos montões.

Mas o conde, não era homem que se contentasse com pilhas de luíses. Para saciar o seu apetite de felino de grande raça, seria precisa uma mina de oiro. E tanto pensou, tanto ruminou, tanto architectou que, por fim, descobriu o filão.

Uma tarde, du Barry, dirigiu-se ao palácio de Versalhes e pediu para falar ao sr. Lebel, criado de quarto de Sua Magestade Luiz XV, o bem-amado e (era de todos sabido) superintendente dos seus prazeres secretos.

A entrevista durou cêrca duma hora e o resultado dela foi que, decorridos alguns dias, Joana, conduzida a tôda a pressa ao palácio real de Versalhes, sentava-se a uma mêsã faísicante de pratas e cristais, à direita dum gentil-homem que lhe tinham apresentado sob o nome de barão de Gonesse.

Esse gentil-homem, não era um rapaz. Transpuzera já o perigoso têrmo da vida a que nós, portugueses, chamamos o cabo das Tormentas. Mas transpuzera-o magnificamente, gloriosamente. Era um sol poente, mas um sol poente que eclipsaria por completo qualquer sol nascente que surgisse no horizonte. No seu íntimo, a cortezã não pôde deixar de admirar aquele homem, verdadeiramente *rei* pela beleza, pela elegância e pela magestade.

A primeira parte da ceia decorreu pouco a animada. Joana, intimidadada com a presença do soberano, nem se atrevia a abrir

a bôca. Por sua vez, o barão Gonesse, ou antes Luiz XV, embora não pudesse abster-se de, mentalmente, prestar homenagem ao formoso mármore vivo que tinha ao seu lado, mostrava-se calmo, quasi indiferente. Nos seus belos olhos negros, um pouco velados como sempre, não chispava a centêlha de entusiasmo.

Era uma linda mulher, sim! — murmurava o rei para consigo, seguindo o fio dos seus pensamentos. . . Mas tantas e tão lindas mulheres tinham dado entrada no Parc-aux-cerfs e tinham partido sem que guardasse outra recordação, a não ser a do tédio que, esgotada a curiosidade material, elas lhe haviam inspirado!

Nenhuma conseguira o milagre de o distrair, de o arrancar aos seus tristes pensamentos, de o libertar da melancolia horrível que fazia dêle o homem mais desgraçado de França!

A ceia continuava. De súbito, ou fôsse o efeito das repetidas libações, ou o cansaço natural, Joana arrancou a máscara — a máscara de grande dama que du Barry lhe afivelara — e mostrou-se tal qual era na realidade — a cortezã, repleta duma graça *canaille*, um pouco grosseira, chula mesmo talvez, mas verdadeiramente estonteante.

Os convivas olharam-se assustados. O rei, habituado a nos braços das suas próprias amantes encontrar o respeito devido à magestade real, iria levantar-se para expulsar a bacante desbragada?

Nada disso sucedeu. Luiz XV ficou positivamente deslumbrado com o espírito, a graça e a malícia da bela Lange. A expressão de tristeza que, de ordinário, velava o seu olhar desapareceu. A prega de amarguras que endurecia a sua bôca desvaneceu-se. Sentiu o coração entoar um hino de alegria e a alma cheia de sol, perante aquela deliciosa criatura que, de taça em punho, com os cabelos meios soltos e os olhos semi-cerrados de volúpia, cantava os mais divertidos *couplets*.

Descobrira enfim a boa fada capaz de quebrar o encanto que obscurecia a sua existência, a boa fada capaz de, com as suas gargalhadas argentinas, pôr em fuga o fantasma do tédio e da melancolia que, havia tantos anos, se tornara a sua sombra.

Luiz XV lembrava-se de ter amado. Amara a sua rainha, a doce princesa Leszczinska, pela sua adorável timidez e suave encanto; a condessa de Madly, pelo seu sensualíssimo; a duquesa de Chateauroux, pela sua beleza ofuscante e a marquesa de Pompadour pelo seu espírito requintado.

Quanto a Joana Becu, amou-a, ou antes, adorou-a, de joelhos, como um cego adoraria aquela que, arrancando-o às trevas em que jazia, de novo lhe fizesse ver a claridade bendita do Sol!

A partir dêsse instante, o rei de França não foi mais do que o escravo submisso dos caprichos de Joana. Tudo quanto ela quiz, ou por outra, tudo quanto o conde du Barry, que deixara o cargo de amante pelo de conselheiro e amigo, lhe ordenou que pedisse, Luiz XV lhe concedeu.

Ela quiz ter um marido e um título que lhe permitisse abordar essas orgulho-

sas grandes damas que, outrora, vira no palácio de La Garde.

E à fôrça de ouro, de ouro com que quasi tudo se consegue, o rei arranjou-lhe um marido (um marido *in nomine* bem entendido) o próprio irmão de du Barry, e deu-lhe o título de condessa.

Ela quiz ser apresentada na côrte.

E à fôrça de oiro, de oiro com que se quebram quasi tôdas as resistência, o rei levou a condessa de Bearn a incumbir-se dêsse encargo e obrigou as mais ilustres e altivas cabeças da sua côrte a curvarem-se diante da favorita.

Ela quiz ter uma morada digna da sua beleza.

E à fôrça de oiro, de oiro com que quasi todos os milagres se operam, o rei ofereceu-lhe Louveciennes, um castelo maravilhoso, digno não duma princesa, não duma rainha, mas duma fada. . .

Enfim, numa palavra, fez de Joana a quasi rainha de França e de Navarra.

Essa elevação, ninguém lha perdoava. A nobreza censurava. A burguesia murmurava e o povo vociferava contra a mulher que o rei fora buscar à lama, sem se importar com a lama que, inevitavelmente, ressaltaria sôbre o seu manto de arminhos e veludo azul flordelizado de oiro!

A nova favorita podia ter-se vingado dos seus inimigos. Era ela a senhora, a soberana indiscutível, mas não quiz exercer represálias. Nem tinha coração para ódios, nem índole para vinganças. Muitas vezes, ela própria arrancou da Bastilha, para onde o rei os enviara, aqueles que, quer em canções, quer em libelos, a tinham ridicularizado e insultado.

Ao contrário dessa pequenina fera que se chamou M.^{me} de Pompadour, a condessa du Barry fugiu o mais possível das intrigas políticas e, como o próprio Mirabeau o confessou, nunca fez aprisionar, ou condenar pessoa alguma.

Quando mesmo alguém, na sua presença, se levantava para falar a Luiz XV em nome da Justiça, ela erguia-se imediatamente, para falar em nome da Misericórdia e, repetidas vezes mesmo, se ajoelhou aos pés do rei para implorar o perdão de condenados à morte. Foi assim que, entre várias outras, a favorita pôde salvar a vida duma pobre rapariga do Vexin, dum soldado de cavalaria e do conde e da condessa de Louÿsme.

O seu coração, bem como os seus braços, entre-abriam-se para todos, com a maior espontaneidade. E, assim foi que êle se entre-abriu, para acolher aquele que havia de representar na sua vida o papel de Judas-Zamora.

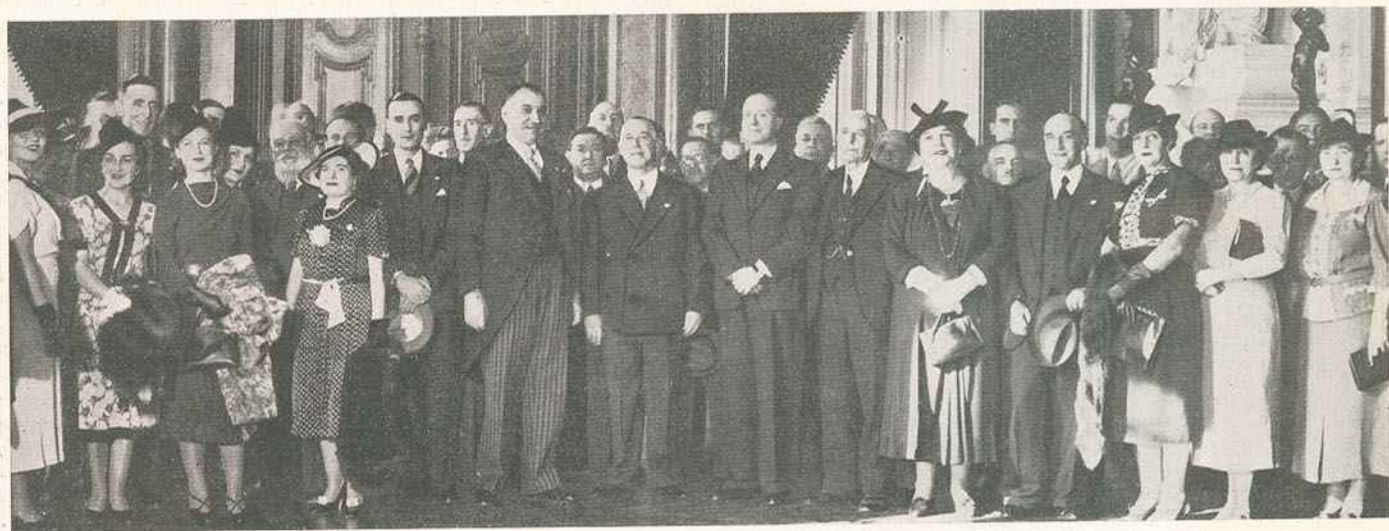
Desde o século anterior, isto é, desde o tempo do Rei Sol e de M.^{me} de Montespan, estava em moda que as muito altas, nobres e poderosas damas da côrte tivessem um pagenzinho negro para lhes servir de caudatário. M.^{me} du Barry não quiz ficar atrás da moda e, após a sua apresentação no palácio real, manifestou o desejo de possuir um dêsses lindos monstrosinhos de ébano tanto em voga.

(Continua).

EUNICE PAULA.

O CONGRESSO DO VINHO

O Chefe do Estado presidindo à sessão solene do V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho. — *Ao centro:* Um aspecto da assistência — *Em baixo:* Os congressistas na Câmara Municipal. Este Congresso despertou o maior entusiasmo e mereceu os mais calorosos aplausos pela grande utilidade que dêle ressalta e proporciona ao nosso País.





"Atleta", escultura feita cinco séculos antes de Cristo

Alguns colegas voltaram à arqueológica bancada, e o bom do mestre-escola, intrigado com as tremuras e querendo disfarçá-las, enxolou mais uma vez e com gestos espalhafatosos, o pertinaz zangão que agora lhe fazia auréolas em redor da careca, onde nem a vara de loureiro al-



O Coliseu visto através do Arco de Tito em Roma

cançará suficientes sombras para escorraçar este e ocular aquelas.

No céu, após o desaparecimento esbracado do poente, aparecera uma luz de âmbar opalizado, mixto de aguada e de polvilhado ténue, que consoante se diluía para o alto, tomava doces transições dum esmaecido verde de porcelana, até chegar ao azul, que em Roma, mesmo de noite não deixa de ser azul nítido. Nas águas do tanque, como nos espelhos que os turistas usam para ver os frescos dos tetos, este lindo quadro só de côr, que Whisler explorou nas suas sifonias, era deveras impressionante e assim todos se curvaram sobre elas, como Narcisos a adivinharam-se. De resto, noutro sentido, não faltavam ali os Narcisos enamorados.

— "A Arte é indeterminada, meus bons camaradas!" — voltou o Benito, que trazia contas em atraso, na retórica. "Nem tempo, nem número, nem distinções de crenças, nem qualquer operação dentro de comedidos limites. Se para defender a Roma do Império se condena a Igreja, pergunto eu que tirania teremos nós de agredir para defender a Igreja que inspirou toda a Renascença, que foi tão grande como aquela, se não maior, porque foi variada e comovida, chegando aos paroxismos da realidade, isto é, foi divina e foi humana! O mistério das grandes revelações na Arte, multiplica-se anormalmente em períodos que a razão dos matemáticos ou a lógica dos arqueólogos não podem explicar. As sensações e as criações artísticas nunca se sujeitaram a qualquer razão dos analistas vulgares, e para ser seu juiz é necessário, principalmente, ser artista e imparcial, como uma criança. A Arte é uma fatalidade que os fanáticos só apreciam quando serve as suas ilusões. Como a Vida, a Arte dirige-se ao Infinito por todos os caminhos, e tem sempre razão. Os sábios não a compreendem porque ela é, em substância e em espírito, obra individual que não se submete a colectividades, enquanto a ciência dêles é impessoal. Trocá-lhes as funções e as origens, é querer baldadamente a mesquinhas com sistemas errados de loucura. Os poetas vieram ao mundo para colherem deste somente aquilo que os res-

DEVANEIOS

A' sombra sagrada

Como foi que terminou

lantes homens nunca presumiram existir, porque são cegos e não têm tempo para generosidades nem para imaginações sem proveito.

"A Arte, sabe-se muito bem, é incoerente, revolucionária, dinâmica e imortal, exactamente como a Vida que nunca se contenta com os resultados da própria e íntima agitação, sonhando com perfeições possivelmente não existentes, mas que lhes dão estímulos de sonhos impossibilitando-a de ter fim. A perpetuidade das duas irmana-se nas virtudes e nos defeitos, nas vitórias e nas falências, na reacção, na novidade e na tal beleza insltingível. É que o sonho é insaciável e latente. A Eternidade...."

D. Giovano apANHARA o adversário nos devaneios do paradoxo e na verborêa ôca, suspensa em frases sem sentido firme. Aproveitar estas fraquesas e saltar-lhe à petulância, como gato ao tuquinho. Chegou-lhe a vara de loureiro aos fagotes, sacudiu-lha na frente dos olhos para o acordar, e gritou:

— "Basta! caríssimo doutor da mula russa! Basta de pirotécnicas! O amigo extrebucha em seco e anda emaranhado no fio das palavras! Se o sonho é insaciável, antes que fique latente como nos mentecaptos, eu preciso de o acordar a si dum pesadêlo de palanfrório, embora o não queira despertar no seu glorioso sonho de artista, que deve ser silencioso. Descance e escute:

Nos bons tempos das sementes de ouro, houve um rei, que certo dia chamou a si o maior estatuario dos seus estados e o encarregou de talhar numa montanha a obra-prima da sua glória, para immortalizar o genio dos dois. Ora porque o plástico era grande sonhador e grande cantor também, logo se pôz a andar à roda da montanha, a fazer versos e cálculos, sonhando e cautando ao mesmo tempo. Durante muitíssimos anos, talha daqui corta acolá, sem parança, noite e dia, no seu golpear da pedra, desbastando corcovas e reduzindo as arestas, sempre a visionar símbolos novos, a inventar formas inéditas, a talhar desenhos originais, não perdendo um só minuto de lindos sonhos e maravilhosas canções, que embalavam em ternuras de enlêvo todo o reino do grande rei, assim o escultor foi lavrando com os cinzeis toda a montanha, num permanente lutar com as surpresas da matéria, a questionar com a forma, levando constantemente, no descontentamento natural dos grandes artistas. O seu génio, porém, era pertinaz e heroico como a sua imaginação de poeta. Ao cabo de séculos a montanha deminiu, cedeu, estilhaçou-se e ficou arrazada de todo, sem que o bom do imaginário topasse o ideal perfeito dos seus

INCOERENTES

do Forum de Roma

uma velha questão artística

desejos. No entanto, já velhinho, mas sempre rijo, êle continuou a andar às voltas com o último calhau, burilando-o, polindo-o, aperfeiçoando-o, até que por fim, no meio daquela imensidade de areia e de pó, que fôra a montanha, já o rei e os netos dêste haviam morrido há séculos, o Sol foi encontrar um artista muito perdido na memória da vida, com os olhos estoirados e as mãos reduzidas a cotos informes, varrendo o chão com as barbas de neve e esparrinhando sangue por todos os poros, rouco, incompreensível, doído de todo, a cantar numa voz que mal se ouvia, uma balada de arquivo, mas a tornar leitosamente uma esfera pequenina, menos que bola de bilhar, sem um pecado de forma, maravilhosamente criação dum obstinado... E então folhearam-se os livros dos antigos tombos para se saber a historia daquele homem e a razão daquela obra. Era o sonho secular dum homem de génio, estatuario e cantor ao mesmo tempo. Porém, em relação ao seu desmesurado sonho e às milhentas teorias do seu muito querer, que deram com êle em tão respeitável e tamanha maluqueira, a obra saíra-lhe infinitamente pequena e insignificante.

— "Mas criou um Novo Mundo, êsse Poeta! — gritaram todos os ouvintes, numa só voz.

— "Criou as tanas, meus ingénios inimigos! Criou minhocas no miolo e pio-lhos nas pestanas, meus santos varões! Nem sequer inventou o tórno, porque o seu sonho andava tão longe das realidades, que antes dele nascer já os oleiros o tinham descoberto! Conseguiu somente fazer uma bola inútil, como se fôsse de sabão, e oferecer mais uma planície à terra... Este beneficio não viram vocês, seus lunáticos, seus verbalistas espantados, seus ceguinhos duma figa! Só repararam na obra mais pequena e não se aperceberam da grande... São assim os poetas dêste tempo!..." — ripostou D. Giovano, erguendo ao ceu a vara emplumada do loureiro, como um trofeu de vencedor. E rindo-se de satisfação, ao ver o ar aparvalhado e confundido dos adversários, gritou:

— "Vamos, mas é jantar, que são mais que horas! Fez uma bola, quando o que pretendia, certamente, era fazer um rosto de mulher!"

Voltando-se, então com atenções especiais para o pintor Benito, e tomando-lhe o braço para com tal apoio não escorregar nas rampas augustas do Forum, segredou-lhe:

— "Amigo! Você que é artista, deixe-se de histórias e deixe-as cá aos que o não são, para entretenimento das nossas vadiagens de criticos. Todos nós somos arqueólogos e facciosos, em relação às

ambições dos mais novos, que desprezam as dos antepassados, por natural egoismo. Repare que aquele cardo que ali está, com uma linda flor de ametista e cheio de picos para se defender dos sábios que lhe toquem para o desnaturar, é tão antigo e tão bonito como estas pedras sagradas! Pois creia que se está marimbando para as teorias e discursos de nós todos, continuando eternamente a florir e a picar, com a graça divina do seu dever na terra! Os artistas devem fazer o mesmo... Os criticos, na sua fatal e humana parcialidade de vistas e concepções, é que, para entreterem os bestuntos e os seus admiradores, inventam lérias de filosofia. E armam batalhas de principios, agridem-se com lógicas de estética e sistemas de humanização na plástica, jogam com os paradoxos e com as incoerencias, gozam com a obra alheia — que é muito vossa, meus heroicos amigos! —, tornando-a vitima dos seus fins de pensadores, tudo porque uns são velhos de nascença e outros se julgam novos mesmo quando já podres de idade, com os pés para a cova, e querem fugir a esta pelas vias do raciocínio. No final — e nisto dou-lhe razão! —, parece-me que a Arte é eternamente moça desde que seja sinceramente espontanea; tanta razão tinham os antigos como os modernos, desde que todos tenham aquele talentinho requerido que Deus oferece e tantas vezes os homens estragam!... Contudo, confesse que os marotos dos gregos e dos nossos antepassados foram uns grandes maganões nestes problemas..."

O jóvem companheiro que lhe servia de muleta apenas ia abanando com a cabeça, afirmativamente; no seu silêncio, havia resolvido deixar-se de mais oratórias.

— "Vamos jantar Amigos? Com o suadoiro desta tarde e com os disparates que temos dito, bem merecemos um bom prato de macarrão encharcado de calda, e uma suculenta milaneza, tenrinha e aromática, para dar razões ao espumante que as nossas razões todas estão a pedir!" — rematou D. Giovano.

Chegados à Praça de Veneza, houve quem propusesse uma tratória fora de portas. O nacionalista, educado na disciplina, recolheu à familia; e os outros tomaram em festiva camaradagem, dois velutinos que se-



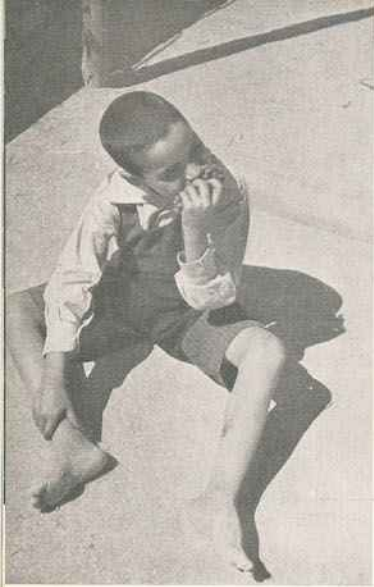
Permaner de Venus de Cirena

guíram vagarosamente, aproveitando D. Giovano o tubo do chicote ao lado das lanternas, para ali espetar o espanador de loureiro, que no bambolear da calche, remalhava resoluções de tréguas e de glória...

DIOGO DE MACEDO



Ruínas dos templos de Vespasiano e de Saturno em Roma



Uvas ao natural

preocuparam com a acção terapêutica do sumo da uva, com as vitaminas do vinho, a sua radio-actividade, o seu poder medicamentoso. Em seu entender isso é com os médicos. Bebem vinho porque lhes sabe bem, porque lhes faz criar forças novas, porque lhes retempera a alma.

A razão não a querem saber. Para quê? Não apreciam a luz do Sol e o seu calor vivificante, sem que se embrenh-issem



Desde pequenino...

ESTA ideia do Congresso do Vinho e da Vinha mereceu o mais caloroso aplauso de todos os portugueses, ainda os mais rudes e distantes da capital.

A feliz iniciativa de ligar o vinho às uvas deu-nos a certeza de bebermos vinho autêntico, daquele com que deve ser celebrado o santo sacrifício da missa, enfim do verdadeiro sangue de Cristo.

E' que, à força de sintetizarem tudo, lembraram-se, um dia, de nos darem um líquido colorido com pau de campeche que poderia servir para várias aplicações, mas nunca para ingerir.

Por isso, o nosso povo, quando saboreia vinho de uvas sabe fazer-lhe as necessárias honras.

Na sua maioria os portugueses não se

em cálculos astronómicos e na contagem das suas rotações.

Se lhes falarem no deus Osiris, mestre dos egípcios na maneira de cultivar a uva e fabricar o vinho, não entendem nem procuram entender. Desconhecem igualmente Baco e Sileno e nada sabem acerca dos poetas Anacreonte e Omar Khayyam que ergueram ao vinho os hi-

As deliciosas uvas apreciadas pelos cinco sentidos



IN VINO VERITAS...

DESDE QUE O VINHO É FEITO DE UVAS

nos mais entusiásticos, há muitas centenas de anos.

Neste Congresso, foram debatidos assuntos de altíssimo interesse e apreciados trabalhos de grande valor científico.

Calcula-se a satisfação do piteireiro que, farto de ouvir a mulher prègar-lhe moral, entra em casa, não com uma bebedeira, mas com um jornal em que se lê:

«No anfiteatro de fisiologia da Faculdade de Medicina, realizou-se a segunda sessão do Congresso Internacional Médico para o Estudo Científico do Vinho e da Uva.

Os trabalhos iniciaram-se com a leitura do relatório do tema — «Papel fisiológico do Vinho e da Uva no metabolismo humano» — feito pelo sr. dr. Mário Rosa»...

— Já vê — salienta o nosso homem à sua cara metade — que não tens razão quando me insultas...

— Mas o que é isso de «metabolismo humano»? — pergunta a mulher ainda desconfiada.

— Isso é que eu não sei lá muito bem... Mas deixa ver que o doutor diz mais qualquer coisa... Ah! cá está:

«O dr. Mário Rosa afirmou que o vinho é a bebida mais higiénica que nos foi dado encontrar na natureza».

«Quanto à uva discutiu o seu valor alimentar. A madura, pela sua riqueza e qualidade de açúcar, representa um alimento, cujo valor biológico e nutritivo é importantíssimo».

E' isto mesmo!... Bem me queria parecer que um sábio de tal valor não deixaria de nos explicar essa coisa do «metabolismo».

Mas há mais... Ora ouve: «O sr. dr. Ernesto Roma apresentou um trabalho sobre «O vinho na diabetes», em que se afirma que, pelo que tem observado, não vê que o excesso de álcool possa contribuir para o aparecimento daquela doença. Na Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, onde estão inscritos mais de 1.600 doentes, não estão registados antecedentes alcoólicos em mais de 5 por cento dos casos. Na sua clinica particular a percentagem ainda é menor.

Julga o uso do vinho benéfico na alimentação. Aconselha-o como um alimento de valor, para ser bebido às refeições. Poucas são as doenças em que o proíbe e aconselhou-o na diabetes».

Já vês, Mariana, que eu bebo para tratar da saúde.

— Mas tu não és diabético, graças a Deus!

— Não sou, mas ainda posso vir a sê-lo, e preciso de estar imunizado...

E, parecendo que esta conversa conjugal, se baseava numa espreteza do bêbedo, não é bem assim.

O dr. Augusto de Esaguy afirma isto:

«Os vinhos pouco alcoolizados são colálgos, isto é, têm uma apreciável acção purgativa, facilitam a evacuação da bilis. Esta notável acção terapêutica é justificada pela presença do glicérol, álcool triatómico, um dos elementos preponderantes do complexo conhecido pelo nome de vinho.

«Aumenta a actividade do fígado e o seu poder defensivo. Certas urticá-

rias podem ser tratadas com pequenas doses de vinho espumante.

«O vinho, ao contrário do que certos autores afirmam, não produz choque hemoclástico, não altera o plasma sanguíneo, não origina accidentes anafiláticos.

«O vinho tem, pois, uma apreciável acção defensiva e anti-anafilática.

«A acção desta deliciosa bebida sobre o aparelho circulatório, coração e vasos, está ainda em plena discussão. Certos autores apontam-no como um perigo hipertensivo; outros, os mais recentes, dizem-nos o contrário, que o vinho é hipotensivo, baixa a pressão do sangue.

«O vinho ingerido fora das refeições, em doses maciças e diárias, em doses etilizantes, produz graves lesões do sistema nervoso, altera profundamente os reflexos.

«As doses fracas, tomadas às refeições, são absolutamente inócuas, inofensivas.

«A força muscular é aumentada com o consumo do vinho, refaz o homem que tem necessidade de trabalhar utilizando a força produzida pelos músculos.

«O vinho é um diurético, muito conhecido. É um alimento rádio-activo; o branco é mais rádio-activo do que o Pinto, apesar de a rádio-actividade ser mais constante e segura neste último vinho.

«É um produto rico em vitaminas; dá a sua provada acção no tratamento das avitaminoses.

«O vinho, o bom vinho branco ou tinto, tem indicações e contra-indicações, o seu programa, modo e formulário. Foi até o dr. Eilaud, segundo o dr. Samuel Maia, quem propôs num recente congresso a organização de um oportuno

A exhibição das ranches regionais no Parque Eduardo VII



O presidente do Congresso do Vinho saboreando uvas em formosos lábios

formulário de vinhos, aplicável nas diferentes doenças...

E termina assim:

«Tinha toda a razão o nosso Francisco da Fonseca Henriques quando dizia e escrevia que «o bom vinho era o das regiões quentes e tirado das uvas maduras, depois de bem cozido e defecado nas pipas; e para cada qual o melhor vinho é aquele com que melhor se dá o seu estômago, e de que recebe maior benefício sua natureza».

«Não há dúvida: exceptuando certas contra-indicações, o vinho refaz o homem».





Irene Curie entre seu pai e sua mãe

II

DURANTE as experiências, a que procederam, descobriram dois elementos novos, a um dos quais Maria deu o nome de *polonium*, em homenagem à sua pátria amada, a Polónia, e no mês de Dezembro de 1898 os Curies anunciavam ao mundo a existência de um novo elemento químico, o *radium*, cuja rádio-actividade, segundo eles afirmavam, era enorme.

As propriedades do radium traziam consigo uma revolução para as teorias fundamentais da química, a que os homens da ciência tinham prestado fé durante séculos; a descoberta foi portanto recebida com grande reserva pelos físicos e grande desconfiança pelos cultores da química.

Nunca ninguém vira o radium e os sábios exigiam que lho mostrassem, para acreditarem na sua existência.

Os Curies trabalharam ainda quatro

anos, com ardor, antes de poderem demonstrar à evidência a existência do polonismo e do radium.

Trabalhavam agora num pequeno recinto, que lhes foi cedido pela Faculdade de Medicina, exíguo, sem pavimento de madeira, que servira anteriormente para a dissecação de cadáveres, sem aquecimento no inverno e asfixiante de calor no verão. As condições em que

trabalhavam eram das mais precárias e, no entanto, Maria escrevia mais tarde: "Foi nesse pequeno recinto que passámos os melhores anos da nossa existência, entregues ao nosso incessante trabalho. Passei, às vezes, dias inteiros remexendo matérias em ebulição, com um espêlo de ferro quasi da minha altura; à noite a fadiga do dia deixava-nos completamente prostrados."

Grande parte do trabalho tinha de ser feito num pátio porque o improvisado laboratório era desprovido de chaminé e, assim, Maria, com o seu vestido manchado de todos os ácidos, com o cabelo ao vento, cercada por um fumo asfixiante, que atacava olhos e garganta, trabalhou em colaboração com Pedro desde 1898 até 1902. Nada desanimava os dois trabalhadores e em 1902, 45 meses depois do dia em que os Curies haviam anunciado a descoberta do radium, Maria conseguia finalmente, depois de vencer dificuldades quasi invencíveis, preparar um

NOBRES

A grande sábia

Notas sobre a vida

decigramma de radium puro com o seu peso atómico; os homens da ciência tinham agora de curvar-se. O radium existia materialmente — já ninguém o podia duvidar.

As dificuldades com que os Curies tinham de continuar a lutar eram ainda



O sábio Curie e sua esposa no jardim que precede o seu laboratório

grandes e não se cingiam à deficiência do seu laboratório.

Pedro ganhava 500 francos por mês no Colégio de Física, onde leccionava, que mal chegavam, desde o nascimento de Irene, para alimentar a família; para Irene fôra necessário tomar ama e era, portanto, forçoso aumentar os rendimentos da família. Em 1898, deu-se uma vaga de professor de química na Sorbonne, cujo salário era de 10.000 francos e Pedro apresentou a sua candidatura, que foi rejeitada. A cadeira só mais tarde, em 1904, lhe foi concedida depois do seu nome ter conseguido fama universal. Maria, por seu lado, obtinha um lugar de professora numa escola para o sexo feminino em Versalhes.

O orçamento da família ficava assim equilibrado, à custa, porém, de um enorme aumento de trabalho, justamente no momento em que ambos necessitavam, mais do que nunca, de se entregarem aos seus trabalhos científicos com redobrado ardor.

Os amigos de Pedro insistiam em que

EXEMPLOS

Madame Curie

desta mulher genial

apresentasse a sua candidatura a sócio da Academia de Ciências para que assim obtivesse maior autoridade entre os sábios e Pedro cedeu contra vontade. Custava-lhe fazer as visitas tradicionais aos membros daquela agremiação e expor-lhes os trabalhos científicos de que era autor.



Irene Curie enfermeira da Grande Guerra

Mas Pedro, em vez de fazer o elogio dos seus trabalhos, por lóda a parte encarecia a obra do candidato seu antagonista e este foi eleito. Pouco depois foi condecorado com o gráu de cavaleiro da Legião d'Honra, distinção que Pedro recusou porque lhe parecia incoerente receber uma honra que seria um estímulo para os seus trabalhos e que ao mesmo tempo lhe fôsem negados os meios materiais para o desenvolvimento desses trabalhos... E o casal apertado entre o seu trabalho de investigação e a leccionação, que garantia os meios de subsistência, quasi se esquecia da alimentação e repouso.

A saúde de ambos sofria em consequência das más condições de vida e Pedro várias vezes teve de recolher ao leito. Os nervos da esposa eram mais resistentes, mas os amigos da casa assustavam-se com a sua palidez e faces emaciadas. Foi nestas condições de sacrifício da própria saúde que surgiu o radium.

O maravilhoso elemento surgia por fim à luz do dia; parecia-se com um vulgar sal de cozinha, mas as suas propriedades eram surpreendentes. A inten-

sidade da sua radiação excedia toda a expectativa; era de 2.000.000 de vezes mais forte do que a do uranium. Os seus raios atravessavam os corpos mais duros e opacos.

Só uma espessa parede de chumbo podia resistir à sua penetração.

As suas qualidades curativas revelaram-se no tratamento do cancro; o radium vinha prestar à humanidade serviços do mais alto valor.

Fundou-se então a indústria do radium, principalmente na Bélgica e na América; os engenheiros, porém, não podiam entregar-se à extracção do radium sem conhecerem os segredos delicados a que essa operação dava lugar. Da América escreviam, pois, a Pedro pedindo informações, e este lia a sua mulher a carta recebida e juntava: "Temos dois caminhos a seguir: damos a conhecer o processo das nossas pesquisas, sem nada ocultar..." — "Está claro..." — interrompeu ela — "...ou consideremo-nos proprietários da descoberta; requeremos a patente de invenção e reservamo-nos os direitos sobre a produção do radium em todo o mundo." Maria, depois de curtos momentos de reflexão, respondeu: "Impossível... Seria contrário ao espírito científico." Pedro sorriu encantado porque o pensamento de Maria coincidia com o seu próprio, e esta juntou: "Todos os físicos publicam o resultado das suas investigações na íntegra. O futuro comercial da nossa descoberta é um incidente, que não nos interessa. O radium tem grandes propriedades terapêuticas... Não devemos aproveitar-nos dessa circunstância." Esta concepção representava o modo de sentir do casal a respeito da atitude do homem de ciência.

Era um domingo. Aproveitando a tarde amena, os dois cônjuges encaminharam-se nas suas bicicletas para o bosque mais proximo, alegres por preferirem a vida pobre à riqueza contraria ao seu modo de sentir. Nessa noite Pedro comunicava para a América todos os segredos do processo que lhes custara anos de sacrifícios.

Em 1903 o *Royal Institute de Londres* convidava Pedro a realizar perante aquela associação de sábios, conferências sobre a sua descoberta; na capital inglesa o casal era perseguido com atroz crueldade por uma chuva de convites de toda a espécie por gente curiosa de conhecer os dois sábios, e ao fim de alguns dias o casal refugiou-se novamente na sua mo-



A família Joliot-Curie

radia de Paris. A *Royal Society de Londres*, que equivale à nossa Academia das Ciências, outorgava a Pedro a medalha "Davy" que é uma das suas maiores distinções, destinada a distinguir os homens de ciência.

A Suécia foi a segunda nação a galardoar os Curies concedendo-lhes o prêmio Nobel, nas ciências físicas.

O prêmio Nobel representava um subsídio em dinheiro de 70.000 francos, que os Curies podiam aceitar sem ferirem o espírito científico. Esse dinheiro vinha aliviar Pedro do seu trabalho exaustivo e restaurar-lhe a saúde.

ADOLFO BENARÚS.



Joliot-Curie



As alegrias do lar: Madame Joliot-Curie e seus dois filhos



A interessante instalação do Instituto do Vinho do Porto

Instituto do Vinho do Pôrto

Éste organismo oficial que, em boa hora e feliz inspiração, foi criado para regular a produção, comércio e exportação de vinho generoso do Douro, apresentou na Exposição Documentária dos nossos vinhos, no Casino Estoril, em que colaboraram os organismos oficiais e corporativos e ainda a Junta Nacional da Cortiça pelas suas íntimas afinidades com a viticultura.

Apresentada de uma forma tão simples como original um rápido exame bastava para se fazer uma ideia clara da actual situação da viticultura nacional. Gráficos, alguns deles artisticamente apresentados, mapas e fotografias, as amostras dos vinhos regionais contidas em pequenos barris de vidro, objectos de arte popular, desde os bonecos com as suas características vestimentas, até os artigos de ouro e prata, todos com ligações com a viti-viticultura, os grandes barris assentes em canteiros no centro do hall, muitas plantas e flores, completavam a interessante exposição que foi visitada, com visível agrado, por alguns milhares de nacionais e estrangeiros.



Um aspecto da Exposição

de Gondomar, com motivos ligados ao vinho. As amostras dos vinhos eram apresentadas em quatro garrafas de cristal do tipo do século XVII.

Sobre um extenso balcão viam-se curiosas miniaturas de barcos rabelos, com os seus pequenos tripulantes e de carros de bois para transporte de pipas com os seus boieiros, postais ilustrados, fotografias e várias publicações de propaganda.

Foi deveras brilhante a participação do Instituto do Vinho do Pôrto no Congresso pela sua escolhida representação nos respectivos trabalhos, pela sua apresentação na Exposição a que nos referimos e ainda pela galharda recepção dos congressistas na sua sede, oportunidade que aproveitou para inaugurar o seu interessante Museu.

União Vinícola do Dão

De entre as várias instalações que se apresentaram nesta curiosa Exposição destacava-se notavelmente a União Vinícola do Dão, importantíssima não só pela vasta área que abrange, como pela excelência dos vinhos nela produzidos, justamente considerados como dos melhores dos nossos vinhos regionais.

O seu artístico painel condensava em poucos metros quadrados, de uma forma concludente, toda a sua vida corporativa desde 1934, em que se constituiu, até agora. Um elucidativo mapa mostrava em relêvo a região demarcada, com a indicação de todos os concelhos que a constituem. A proporção sempre crescente dos seus agremiados mostravam-na figuras de lavradores, em madeira contraplacada, nas relativas dimensões e a produção vinícola por pequenos barris sobrepostos, também em contraplacado, na devida proporcionalidade. Indicações completas sobre os serviços prestados aos seus associados, sob os aspectos técnico e social completavam o interessante painel.

Sobre um balcão que cobertas regionais revestiam, viam-se além dos dois barrilinhos de vidro contendo as amostras dos seus vinhos, o branco e

Ecos do Congresso Internacional da Vinha e do Vinho

Entre as várias manifestações que assinalaram o programa na recepção aos participantes do V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho, teve um lugar de real destaque a Exposição Documentária dos nossos vinhos, no Casino Estoril, em que colaboraram os organismos oficiais e corporativos e ainda a Junta Nacional da Cortiça pelas suas íntimas afinidades com a viticultura.

Apresentada de uma forma tão simples como original um rápido exame bastava para se fazer uma ideia clara da actual situação da viticultura nacional.

Gráficos, alguns deles artisticamente apresentados, mapas e fotografias, as amostras dos vinhos regionais contidas em pequenos barris de vidro, objectos de arte popular, desde os bonecos com as suas características vestimentas, até os artigos de ouro e prata, todos com ligações com a viti-viticultura, os grandes barris assentes em canteiros no centro do hall, muitas plantas e flores, completavam a interessante exposição que foi visitada, com visível agrado, por alguns milhares de nacionais e estrangeiros.

o tinto, curiosos objectos da arte popular da Beira Alta, dois grandes e cinco pequenos bonecos com as suas características vestimentas, vasilhas



A curiosa apresentação da União Vinícola do Dão, vendo-se à direita o seu artístico painel

de barro escuro, dos mais caprichosos feitos, pequeninos cestos para várias aplicações, etc.

A todos os títulos curiosa a instalação com que se apresentou a União Vinícola do Dão.

Adega Regional de Colares

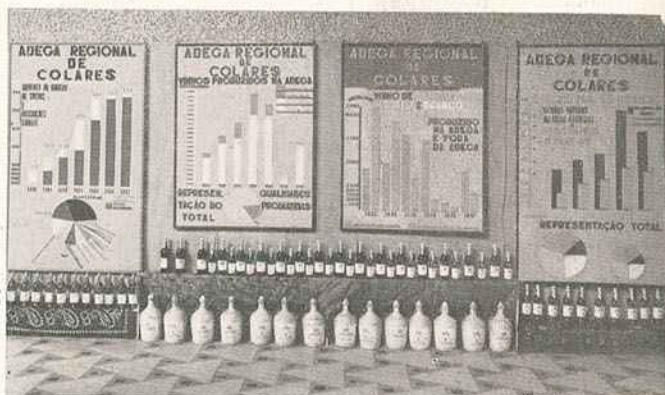
Das consideráveis vantagens advindas da constituição deste importante organismo vinícola integrado no corporativismo falam com inexcusável clareza os números constantes dos elucidativos gráficos apresentados na interessante instalação da Adega Regional de Colares que nesta Exposição ocupava uma extensa área, logo à entrada, da ala direita do Hall.

Eram quatro os quadros patenteando toda a vida associativa desde o início da sua acção. Um deles referia-se ao movimento sempre crescente dos seus associados, 81 em 1931, 155 em 1932, 195 em 1933, 364 em 1934, 481 em 1935, 491 em 1936 até atingir em 1937 a importante cifra de 507.

Outro quadro disia respeito aos vinhos produzidos na Adega, com distinção das qualidades e respectivas freguesias, outro referente ao vinho de chão de areia, branco e tinto e o último pondo em relêvo, de uma forma de-veras concludente os valores obtidos na Adega Regional e no mercado livre.

No sobe destes gráficos, em prateleiras revestidas de panos regionais, um completo mostruário de garrações e garrafas de vinhos, tinto e branco, e aguardentes.

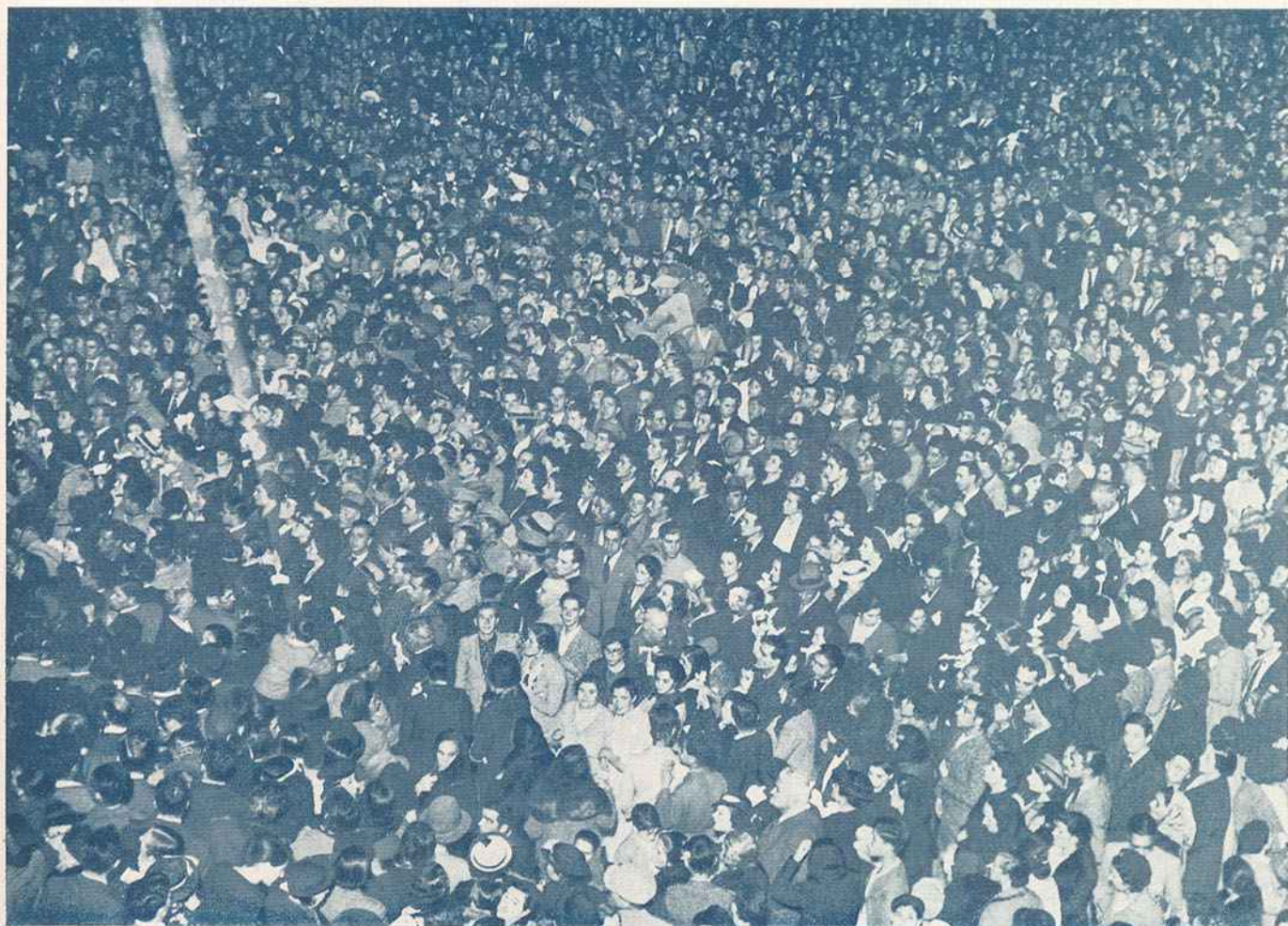
Não limitou a Adega Regional de Colares a sua interferência na recepção aos congressistas à sua participação na Exposição Documentária realizada no Casino Estoril. O almoço que lhes foi oferecido no edifício da sua sede decorreu na maior animação e ainda a apresentação do seu grupo folclórico regional, tanto em Colares como no Parque Eduardo VII, despertou o mais vivo interesse, marcando uma posição de relêvo entre todos os seus congéneres.



A elucidativa instalação da Adega Regional de Colares

NOTÍCIAS DA QUINZENA

EM CIMA: O sr. almirante Mata Oliveira faz a continência a bandeira da Brigada Naval da Legião Portuguesa. — Ao CENTRO: Os legionários da Brigada Naval em parada. — EM BAIXO: Um aspecto imponente da multidão no terreno fronteiro ao novo templo de Nossa Senhora do Rosário de Fátima assistindo à procissão das velas





O duque de Guise na sua biblioteca

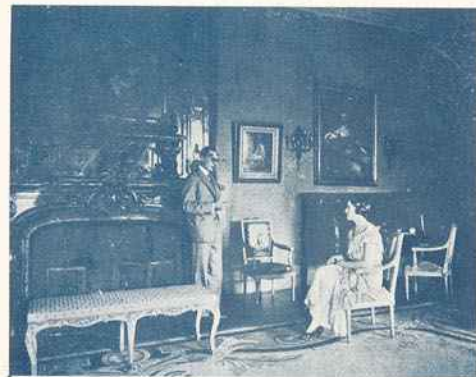
A causa monárquica não é uma questão morta em França, enquanto o seu triunfo, a dar-se, não promettesse ser muito duradouro. Haja vista os reinados que se intercalaram com a segunda e a terceira fases do regime republicano.

O facto de a França ter guillotinado Luís XVI não influiu numa nova monarquia. A Inglaterra teve também o seu Carlos I e nem por isso deixou de ser uma Monarquia forte e poderosa.

O certo é que os realistas franceses não desarmam nem descansam. Este revólver vem desde o primeiro dia da Revolução Francesa. A guilhotina ceifou milhares de cabeças aristocráticas, mas a aristocracia francesa parecia ter a resistência da hidra de Lerna: por cada cabeça que lhe cortavam, nasciam sete.

Napoleão, com toda a sua força, não foi mais feliz, limitando-se a mandar julizar, após um simulacro de julgamento, o duque de Enghien que lhe fazia sombra.

Os realistas franceses souberam man-



O conde de Paris e sua esposa no momento do seu lar

ter-se no seu pósto, prontos a cerrar fileiras à primeira voz.

Entretanto, a França ia sofrendo os tristes resultados das imprudências de Napoleão III que seriam rematadas com a terrível derrota de Sédan.

Sangrava o coração francês, e os realistas intensificavam a sua acção.

Os pretendente, sucedendo-se uns aos outros, aguardavam o momento oportuno.

Luís Felipe de Orléans entrara em França com dois anos de idade, e ali fizera a sua educação. Em 1888, com a lei que interditava o território nacional aos membros das famílias que tivessem reinado em França, exilou-se na Inglaterra, entrando para a escola militar de



O conde de Paris e sua esposa

Sandhurst, partindo depois para as Índias.

Um belo dia, o jovem duque de Orléans teve um rasgo de audácia e apresentou-se em Paris, na repartição de recrutamento, declarando ser seu dever apresentar-se a cumprir o serviço militar como bom francês que se presava de ser.

Este arrojado valeu-lhe ser preso e condenado em doze anos de cárcere que ficaram reduzidos a cinco meses.

Falecendo seu pai, o conde de Paris, passou a ser o representante da monarquia tradicional em França.

Irrequieto como era começou logo a dar que fazer aos defensores da República, enviando proclamações aos seus partidários, publicando o famoso manifesto de Setembro de 1898, a propósito da questão Dreyfus,

paganda quando a morte o ceifou com 57 anos de idade.

AS REAIS AMBICÕES O PRETENDENTE AO TRONO DA FRANÇA penetra secretamente

proferindo discursos inflamados, como o de Janeiro de 1900, que ia pondo em pé de guerra os realistas franceses em auxílio aos seus correligionários perseguidos.

E, empenhado nesta luta, o duque de Orléans seguia activamente a sua pro-

AS REAIS AMBICÕES O PRETENDENTE AO TRONO DA FRANÇA penetra secretamente em território francês

desejaria aparentar, preveniu os seus partidário de que iria ali, sua nora, a princesa Isabel de Orléans e Bragança levar-lhe a sua última proclamação. Deveriam reunir um grupo de jornalistas que recolheriam as suas declarações políticas



O duque de Guise no seu gabinete de trabalho

que considerava oportuníssimas neste momento.

A entrevista teve por local uma modesta casa de campo na pequena aldeia francesa de Vexin, onde os jornalistas foram conduzidos com as maiores precauções, afim-de que se não divulgasse o segredo da entrada em França de um membro da Casa Real francesa.

As 11 horas da manhã, bateram à porta. — Entrai, senhor! — disse uma voz respeitosa.

E, em vez da condessa de Paris, entrou um jovem trajando um elegante fato de jaquetão, azul escuro. Era o príncipe Henrique que, arrostando com a pena de prisão prevista na lei do exílio, não hesitara em ir, em pessoa, secretamente, ter a declaração política aos representantes da opinião pública francesa.

A entrevista fôra marcada aos jornalistas para as primeiras horas da manhã na residência de um dos representantes do conde de Paris, na capital.

Automóveis guiados por militantes realistas parisienses conduziram os jornalistas para destino desconhecido. Os próprios condutores dos carros ignoravam com exactidão para onde iam. A viagem fez-se por etapas e em cada uma delas o condutor de cada carro recebia indicações sobre a estrada por onde devia seguir até à etapa imediata. Desta maneira, no fim de algumas horas, chegaram a um modesto solar, à entrada de uma

pequena povoação, no meio de uma harmoniosa paisagem de bosques e terras de lavoura do Vexin francês.

Começando a sua entrevista, o príncipe pediu desculpa de ter tomado o lugar de sua esposa. E, sentando-se em frente de uma secretária de madeira escura esculpida, declarou:

— Peço desculpa deste subterfúgio que, todavia, era necessário para ter a certeza de ver todos reunidos junto de mim. Sem sombra de hesitação, estou certo de que nada direis que possa trair a minha presença em França. Antes

de voltar para as vossas redacções, um pouco antes das 15 horas, terei regressado a terras de exílio. A minha confiança na vossa probidade profissional não será traída por vós! E acrescentou, tomando um ar solene:

— Podia, é verdade, fazer-vos chegar às mãos, por via normal, a minha declaração. Compreendereis o alcance do meu gesto excepcional e porque a quiz eu próprio ler no solo da minha pátria, para que chegue mais directamente e mais forte a todos os franceses. Nós, com todos os franceses, podemos salvar a França. Conosco não haverá vencedores nem vencidos, nem opressores nem oprimidos.

Fora da Monarquia, a França vê-se obrigada a escolher entre a decadência e a ditadura dum partido. Tenho a consciência de ter feito chegar a minha voz ao povo francês. Peço aos franceses que oijam este aviso, que nenhuma opinião reservada macula.

Referindo-se à última crise europeia, o conde de Paris salientou que "a derrota que a França acabava de sofrer com o "diktat", alemão é uma humilhação sem precedentes na nossa História, que se traduz pelo novo enfraquecimento das nossas posições estratégicas."

— Digo, contudo, que o Governo francês não podia proceder de outra maneira. Pretender resistir na nossa situação material, teria sido tão criminoso como a própria guerra.

Negando-se a averiguar a quem competia a responsabilidade da decadência, o conde de Paris declarou:

— A Alemanha abriu estradas para leste: O Mar Negro, o trigo, o petróleo... A aliança russa tornou-se inoperante sem ser utilizada. Os sonhos mais audaciosos do pangermanismo foram ultrapassados. Era-mos conhecidos como respeitadores da nossa palavra e da nossa assinatura, mais



O «Solar de Anjou», moradia do pretendente ao trono da França

ainda no seu espírito do que na sua letra. Num mês perdemos aquela fama.

Depois, o pretendente ao trono da França salientou que a pátria francesa só pode encontrar salvação em si mesma e que nenhuma combinação diplomática ideal lhe pode garantir a segurança e prosseguiu:

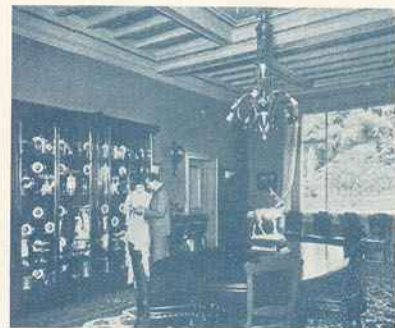
— Defendo apenas a causa da França, que é o meu país. Se surgisse hoje um grupo de homens que trabalhasse para a segurança da França, de harmonia com a honra, prosperidade e justiça, sem suprimir as nossas liberdades, em nome de uma mística totalitária, bem mereceria da Pátria. O meu coração e a minha consciência ditaram este apêlo. Que os franceses e o seus governantes assumam as suas responsabilidades e que Deus salve a França!

Após a leitura da sua declaração política, o conde de Paris mandou vir champanhe para festejar esta visita. Levantando a sua taça, proferiu o seguinte brinde:

— Meus senhores: Bebo pela restauração da França — não digo monárquica, porque quero, acima de tudo, que a França seja feliz. É por isso que me encontro hoje entre vós.

E, apertando mais uma vez a mão de todos os assistentes, o príncipe saiu pela mesma porta por onde entrara, três quartos de hora antes.

Ainda assim, por medida de precaução, os jornalistas só três horas depois é que foram convidados a voltar para os automóveis que os esperavam no pátio.



O conde e a condessa de Paris em plena felicidade mesmo no exílio

Zum-zuns

Por informações particulares somos informados, que nas tradicionais festas do fim do ano, que se projectam na Madeira, fará parte uma récita de gala, em que será representada por distintos amadores, uma peça original de uma brilhante escritora portuguesa, muito conhecida não só na nossa primeira sociedade, como nos meios literários, que com esse trabalho fará a sua estreia no teatro. Segundo também nos informa os principais papeis estão já distribuídos, sendo a peça uma alta comédia com trajes à época de 1888, e em dialeto madeirense.

Casamentos

Presidido pelo prior da Lapa que antes da missa fez uma brilhante alocação, celebrou-se com grande brilhantismo na Basílica da Estrela, o casamento da sr.^a D. Maria da Graça Hintze Ribeiro Jardim (Valenças), gentil filha dos srs. Condes de Valenças, com o sr. Augusto Soares de Albergaria de Ataíde, filho da sr.^a D. Maria Luíza Soares de Albergaria Leite de Vasconcelos de Ataíde e do sr. Dr. Luiz Benardo Leite de Vasconcelos de Ataíde; tendo servido de madrinhas a sr.^a D. Margarida Hintze Ribeiro da Silveira, prima materna da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos, o pai da noiva e o tio materno do noivo sr. Eduardo Soares de Albergaria. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no elegante palacete dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, de automóvel para Cascais, onde foram passar a lua de mel.

— Na igreja de S. Luiz Rei de França, presidido por Sua Excelência reverendíssima o sr. Bispo de Beja D. José do Patrocínio Dias, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocação, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Alda Gomes dos Santos, interessante filha da sr.^a D. Margarida Ferreira de Melo e Santos e do sr. Joaquim Gomes dos Santos, com o sr. Dr. João Ubach Chaves, delegado do governo junto da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, filho da sr.^a D. Tereza Ubach Chaves, já falecida e do sr. Alvaro da Costa Chaves, servindo de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seu pai e o sr. Dr. Domingos Ferraz de Carvalho Megre.

Finda a cerimónia que revistiu um carácter de muito intimidade, foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva,

VIDA ELEGANTE

recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— No Estoril, celebrou-se na paróquia de Santo António, o casamento da sr.^a D. Maria Helena Pereira Catarino, gentil filha da sr.^a D. Lucília Pereira Catarino e do sr. Henrique Catarino, com o distinto oficial do exército sr. Manuel de Vasconcelos e Sá (Albufeira), filho mais velho da sr.^a D. Maria Manuela de Vasconcelos e Sá e do sr. Henrique Botelho Moniz de Vasconcelos e Sá (Albufeira). Foram madrinhas a mãe da noiva e a avó paterna do noivo sr.^a D. Henriqueta Botelho Moniz de Vasconcelos e Sá, e padrinhos o pai da noiva e o avó paterno do noivo coronel de engenharia sr. José Maria de Vasconcelos e Sá (Albufeira). Presidiu ao acto o reverendo cônego Moita, que antes da missa, que foi resada pelo reverendo Paulo Marques, pronunciou uma brilhante alocação.

Acabada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante vivenda dos pais da noiva, à Avenida Saboia, no Monte Estoril, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho João Duarte, distinto guarda marinha engenheiro maquinista naval, foi pedida em casamento pelo tenente coronel sr. João Duarte Benfeito, a sr.^a D. Rosa Esteves de Gouveia, interessante filha da sr.^a D. Vitória Esteves de Gouveia e do sr. António Esteves de Gouveia, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano em Coimbra.

— Na paróquia do Santíssimo Sacramento, no Porto, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria Piedade Filomena Sampaio dos Aídos, gentil filha da sr.^a D. Maria Tereza Sampaio dos Aídos e do tenente coronel sr. Francisco Fernandes dos Aídos, com o sr. dr. José Cabral Tavares de Carvalho, filho da sr.^a D. Maria Amélia Gonçalves da Silva e do sr. José Maria Cabral Tavares de Carvalho, tendo servido de madrinhas a sr.^a D. Claudina Pacheco de Amorim e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. dr. Diogo Pacheco de Amorim, ilustre professor da Universidade de Coimbra e o reverendo José Gonçalves de Almeida, tio do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na Sé de Viseu, realizou-se o casamento da sr.^a D. Fernanda de Sousa Loureiro, interessante filha da sr.^a D. Palmira de Sousa Monteiro Loureiro e do sr. Bernardo da Cruz Loureiro, com o sr. António Gonçalves Diniz, servindo de padrinhos por parte da noiva os srs. António Abrantes Monteiro, seu avó materno e Aquilino Abrantes Monteiro, e por parte do noivo a sr.^a D. Ana do Carmo Pereira e o reverendo António Pereira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, na Maternidade dr. Alfredo Costa, a sr.^a D. Maria Henriqueta Teixeira Diniz Rebelo da Silva, assistida pelo distinto cirurgião dr. Costa Félix. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.^a D. Maria Luísa Horta de Andrade Velez Caldas, esposa do sr. Caldas, e filha da sr.^a D. Sára de Vasconcelos Horta Velez e do coronel sr. Andrade Velez, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Na Maternidade dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Adelaide Niza Antunes Mendes, esposa do distinto engenheiro sr. Antunes Mendes, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Félix. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Na capela da Quinta da Conceição, perto de Evora, celebrou-se o baptizado do menino D. Rodrigo, gentil filhinho dos srs. marquezes do Funchal, tendo servido de madrinha sua tia paterna a sr.^a D. Maria Luíza de Souza Coutinho (Funchal), e de padrinho materno o tenente coronel de artilharia e comandante districtal da Legião Portuguesa, em Evora.

— Celebrou-se na paróquia de Santa Izabel, o baptizado do menino António Manuel, primeiro filho da sr.^a D. Julieta Lopes da Mota Marques e do sr. Fernando Manuel de Almeida da Mota Marques, tendo servido de madrinha Santa Teresinha do Menino Jesus, tocando com a corôa, a avó-bisavó materna sr.^a D. Emília Pimentel e de padrinho o avó paterno e nosso colega na imprensa sr. Carlos Alberto da Mota Marques.

D. NUNO.



Casamento da sr. D. Maria José Barbosa, com o sr. Luiz Fernandes Gonçalves Bregança, celebrado na paróquia de Santa Maria de Belem. Os noivos à saída da igreja, com os pais, padrinhos e convidados. (Foto Moreira).

INAUGURAÇÃO DA NOVA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Em cima: Grupo de artistas a quem se deve a construção e decoração do novo templo de Nossa Senhora de Fátima: Lino António, Francisco Franco, rev. Don Martin, arquitecto Pardal Monteiro, Diamantino Tojal, António da Costa, Almada Negreiros, Henrique Franco e Raul Xavier. — *À direita:* o público aguardando a abertura da nova igreja. — *Ao centro:* O bispo de Leiria pregando — o sr. Cardeal Patriarca dando a volta ao templo. — *Em baixo:* outro aspecto da cerimónia



A nação é o melhor dos desportos para a mulher e felizmente aquele que em Portugal possui maior número de adeptos. No festival do Sporting, para encerramento da época, tomaram parte algumas nadadoras cuja exibição demonstrou ótimo resultado.

A temporada do ciclismo em estrada, que terminou há duas semanas a sua actividade com o Circuito de Benavente, fica assinalada como de acentuada renovação do popular desporto, que reviveu os dias gloriosos de entusiasmo e interesse popular graças à reorganização da Volta a Portugal.

A influência desta importante prova sobre o meio ciclista não se traduziu apenas pelos benefícios de propagação e aperfeiçoamento directamente resultantes da competição que, durante vinte dias, manteve em sobressalto a curiosidade popular; não menos vantajosa foi a sua acção indirecta, estimulando o aparecimento de numerosas provas regionais que na sua ausência faltaríamos também por desinteresse dos promotores.

Os corredores filiados nos clubes de Lisboa, os quais constituem o mais forte núcleo do país, o único mesmo que reúne valores apreciáveis, tiveram este ano 17 provas em estrada onde satisfizer o seu desejo de luta, sendo uma delas a grande Volta que, só por si, representa um conjunto de vinte corridas sucessivas.

Para estas dezassete provas houve apenas sete vencedores: Felipe de Melo, com 5 primeiros lugares (100 Km. clássicos, Batalha-Lisboa, 150 Km. da U. V. P., Pôrto-Lisboa, circuito de Vila do Conde); César Luís (circuito de Cascais, Voltas a Mafra, circuito do Alviela) e Joaquim Manique (Campeonato Nacional, Giro do Minho, circuito de Benavente), com três vitórias cada e, finalmente, com uma vitória ainda, Joaquim Fernandes (Figueira da Foz), Joaquim de Sousa (Anadia), José Marquez (prova contra-relógio) e José Albuquerque (Volta a Portugal).

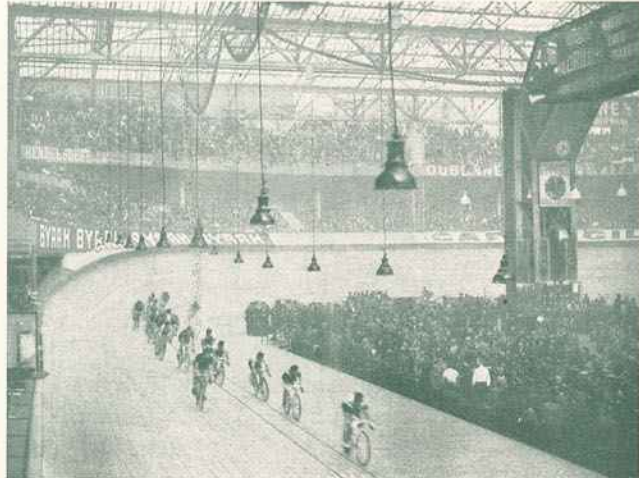
As duas provas que faltam na lista, os circuitos no Parque Eduardo VII, foram ganhas pelo francês René Dassé.

Procurando fazer, pelo conjunto das classificações conquistadas durante a época, uma lista dos melhores homens, atribuímos 15 pontos ao vencedor de cada uma destas 17 provas, um a menos ao imediato e assim sucessivamente, seguindo desta forma o critério oficial que serve para apuramento do campeão regional; o resultado de tal trabalho, que indica

com absoluta propriedade o valor comparativo dos ciclistas, pois quasi todos se encontram em igualdade aproximada de número de participações, forneceu a seguinte tabela:

1.º Felipe de Melo (Sporting), 137 pontos, classificado em dez provas; 2.º Joaquim Manique (Belenenses), 136 p. e 12 classificações; 3.º Joaquim Fernandes (União), 130 p. e 11 classificações; 4.º César Luís (União), 127 p. e 11 classificações; 5.º Alfredo Trindade (Sporting), 114 p. e 10 classificações; 6.º Túlio Pereira (Sporting), 109 p. e 13 classificações; 7.º Aguiar Martins (Benfica), 104 p. e 9 classificações; 8.º Ildefonso Rodrigues (Sporting), 83 p. e 7 classificações; 9.º Ladislau Parreira (Sporting), 79 p. e 9 classificações; 10.º Noé de Almeida (União), 69 p. e 9 classificações.

Este simples enumerado nos mostra pela distribuição das unidades respecti-



Instalação já em Paris, na grande nave do Velódromo coberto a época de ciclismo de inverno, que no nosso país é impossível de construir por falta de instalações. Que resultado se obteria em Lisboa, construído tão gigantesco recinto desportivo?

A QUINZENA DESPORTIVA

vas, que as equipas do Sporting e do União foram aquelas que melhores resultados obtiveram para as suas cores; de facto, em onze organizações comportando classificação colectiva, cada uma daquelas entidades alcançou cinco vezes o prémio do melhor conjunto.

A ordenação individual também não foje muito ao que a simples impressão critica nos indicaria; apenas figuram abaixo do lugar que a nossa apreciação lhes reservava, César Luís e Ildefonso Rodrigues; o primeiro, incontestavelmente mais brilhante do que o seu companheiro Fernandes, foi no entanto bastante menos regular, e o segundo teve fraco princípio de época e absteve-se ainda em diversas corridas.

Pode afirmar-se na generalidade que os resultados técnicos do ano foram superiores aos precedentes e as médias valorizadas embora se registasse nos ciclistas, com lamentável frequência, relativa falta de combatividade que favoreceu as chegadas em pelotão. Se considerarmos cada caminhada da Volta como uma corrida independente somamos apenas 10 vitórias isoladas em 35 corridas disputadas, proporção evidentemente escassa.

A época do ciclismo foi de nítido ressurgimento e quem mais lucrrou com o caso foram os corredores cujos proventos materiais cresceram na proporção; as regalias, porém, trazem-lhes responsabilidades que implicam o emprêgo incondicional de energias ao serviço do interesse da competição. Não devem esquecer que o ciclismo vive directamente do entusiasmo público e que este se per-

derá se os espectáculos que lhe proporcionam descaírem para a monotonia ou se perder a confiança no espírito desportivo dos seus preferidos.

Desporto é luta constante; não se coaduna com entendimentos cómodos nem táticas económicas do mínimo esforço.

A exposição de Angola abriu finalmente possibilidades à efectivação duma iniciativa pela qual de há longa data pugnávamos e que nestas crónicas repetidas vezes referimos como uma necessidade de largo alcance nacionalista; a aproximação desportiva entre a metrópole e as colónias.

Coube à Associação Académica de Coimbra a honra de ser o primeiro embaixador do "foot-ball" continental aos grandes centros do Império, e devemos reconhecer com alegria que desempenhou com brio e nobreza a sua difícil missão.

Tanto em Luanda como, depois, em Lourenço Marques, os estudantes futebolistas deixaram excelente impressão, merecendo à crítica as melhores referências técnicas e conquistando gerais simpatias; o jogo desenvolvido pelo grupo foi na generalidade de boa factura e serviu para estabelecer a bitola do valor das equipas coloniais. Reconhecemos também, como novo motivo para júbilo, que as formações de ambas as capitais deram a melhor réplica aos conimbricenses, cujo conjunto pode sem favor incluir-se no número dos cinco ou seis melhores da metrópole.

Os resultados obtidos pelos grupos de Lourenço Marques foram superiores aos de Luanda, mas não deve admirar que assim seja dadas as condições de vida



Foi disputado recentemente em Paris um encontro de pelota basco, magnífico desporto bem digno de ser divulgado entre nós, entre a equipa composta de França e outra constituída por dois países, que jogaram de vistoso e conseguiram a vitória. É bem verdade que em desporto tudo é possível!

das colectividades desportivas numa e noutra cidade: ao passo que Luanda se sirva apenas de jogadores formados localmente, dos quais os melhores vieram nestes últimos dois anos transferidos para Lisboa onde brilham no plano internacional, Lourenço Marques importa em larga escala valores continentais e madeirenses já formados na escola respectiva e com aval de provas prestadas nos clubes onde serviam.

Estas considerações, tendentes a valorizar o esforço duns sem ferir o valor dos outros, não devem ser interpretadas senão como argumento a provar a classe notável e muito aproximada do foot-ball praticado nos principais centros de Angola e Moçambique e justificar ainda o acertado alvite para trazer a Lisboa, por ocasião das festas do Centenário de 1940,

duas selecções daquelas províncias que lutariam com a metropolitana num grande torneio imperial.

O interesse eslava assegurado e a prova revestir-se-ia dum significado nacionalista que nenhum encontro contra grupos estrangeiros conseguiria igualar.

O desporto nunca poderá ser esquecido nas grandes comemorações nacionais; em todos os países do mundo ele é associado a essas organizações de grande vulto e marca em quaisquer casos como dos mais seguros elementos de êxito na elaboração do programa.

A ideia fica exposta e recordá-la é de tempos a tempos; oxalá lhe seja reservado o acolhimento de que a julgamos digna.

SALAZAR CARREIRA.



O «record» de maior distância em vôo directo por hidro-avião foi aumentado por um aparelho inglês cuja mais interessante particularidade é a de ser lançado no avião de cima dum outro aparelho maior que lhe serve de transporte para a manobra de desvoagem. Eis o curioso conjunto de avião «Maia» condinado sobre os azuis «Mercury», antes de o saltar para a sua caminhada de 9.600 quilómetros.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusiadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

IMPRESA
O CHARADISTA

Relativo a 15 do mês transacto, saiu à luz da publicidade o n.º 76 desta simpática revista, dedicada, exclusivamente à arte de Édipo. É um espécime digno de todos os louvores não só pela óptima colaboração que insere, como pela maneira desenvolvida e clara que nos apresenta o resultado desse formidável torneio — o C. I. P. — que teve o seu epílogo na distribuição de prémios efectuada com grande assistência e brilhantismo na sede da T. E. no dia 22 do citado mês.

Poucos charadistas saberão avaliar a soma de trabalho dispensado na elaboração dum campeonato de tamanha envergadura!

«Joíralo», seu competente organizador, impondo-se dentro do Charadismo pelas suas qualidades de energia, character e intelligencia, merece o reconhecimento de todos os colaboradores no referido concurso.

Esta secção, por intermedio do seu Director, tem a honra e o prazer de dirigir a «Joíralo» as mais cordiais felicitações pelo êxito obtido.

CULTURA E RECREIO

Com pontualidade temos recebido esta nova revista, onde se publica uma vasta secção de charadas sob a Direcção dos prezados confrades «Joíralo» e «Carlos Elmano» e onde colaboram charadistas de reconhecido merito. Desejamos aquella secção as maiores prosperidades e longa vida.

RESULTADOS DO N.º 16

(12.º E ÚLTIMO NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (20 pontos)

Barão Y, Rosa Negra, Siulno, Sevla, Francisco Courelas, Mira, Diriso e Fra diávolio.

OUTROS DECIFRADORES

M. A. P. M., Matina, Dama Negra e Tarata — 19. Semoga, Cigano, Ti-Beado, Almaviso e Neptuno — 16. Aureolinda, Agásio e Visconde X — 15. Larabastro, J. Tavares e Silero — 13. Anjo das Serras — 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Memória. 2 — Viador. 3 — Usado. 4 — Verve. 5 — Gal(far)ro. 6 — Barroca. 7 — Patega. 8 — Elisa-Elias. 9 — Penacova. 10 — Chão Grande. 11 — Correspondência. 12 — Penserosa. 13 — Custódia. 14 — Evocada. 15 — Fardo. 16 — Chi(qui)to. 17 — Di(ser)to. 18 — Po(ci)na. 19 — Pé(rolas). 20 — Cada um canta como tem graça e casa como tem virtude.

CONCURSO CHARADÍSTICO

Com os resultados do número 16,º acima expressos, fica terminado o torneio edipista para os decifradadores.

No próximo «Desporto» faremos o resumo dos doze números, que dêle fizeram parte, e a maneira de se proceder ao sorteio dos prémios que para êle obtivemos.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) Toda «tu»... Que prodigio de beleza!
Que milagre de formas — e de «pinta»!
... Faz-me pena uma obra tão distinta
sem colorido seu, de Natureza! — 2

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 25

Que poema a guedelha! Que surpresa!
Arte pura — dos ferros e da tinta...
Do contôrnio (con: «torno» não: com «cinta»),
até só o falar «dá na fraqueza»... — 1

E a boca? E os olhos? — Desespero!
Mimos! Gemas!... Abismos! Que loucura!
Que museu! Quantas joias de pintura!...

Ora bem: quando juro que te quero
— quero muíiiiiito!... Mas pelo pitoresco,
como ao belo dum «fresco»... muito fresco...
Lisboa Bisokhotó

Resposta, agradecimento e conselho... em «ar
de, graça» ao espirituoso confrade «Infante» a propó-
sito do seu «Eslarecimento».

«Quando, enfim, já declina pelos «centas»
«E não tem, decerto, amor às venas»
«Ao conquistar na rua qualquer»...»

INFANTE — O Desporto n.º 21.

2) Meu confrade! Por favor!
Que exagéro! Por quem sois!
Chamar Mestre a «um amador»!...
Vão rir de mim... ou dos dois.

Para ver se me enganei, — 1
— Ou me enganou o confrade —
No juizo que formei
Com respeito à sua idade,

Recorri à galeria
De retratos d'Á CHARADA
A ver se lá descobria
O seu. Tarefa baldada!

Embora velho se finja,
(Adivinho o seu intento...)
Não creio que seja um «ginja»,
Não sou tolo cem por cento...

14) ENIGMA PITORESCO



Os anos! Então já fez
Ós que entre linhas me disse?!
Náa... «Metade»... sim... talvez...
— Cheira-lhe isto a bregeirice? —

Pergunta o que há de fazer!
Versos; conquistar mulheres...
Goze a Vida até poder, — 1
Fazendo o seu «pé de afres».

Não lhe falta o essencial...
E' talvez bonito... E' móço...
Gose... Mas o nó fatal
Nunca o dê sem vê «carço».

Passa às vezes maus bocados
O «veseiro» da «conquista»:
Pais, maridos esturrados...
Noivos, dôr de «cotovelo»...
Deve ter sempre isso em vista.
... Se é que tem amor ao pêlo...

Lisboa

Sileno

3) A graça e o sofrimento, de mãos dadas,
Nos tercetos compostos do seu porte,
Iluminam a vida ou dão a morte,
Trazem a noite ou soltam alvoradas.

Trocando os corações, surgem coladas
Num astro bem visível, cujo norte
Ele junca de luz, ungiundo a sorte
De oferecer ao mundo as madrugadas.

Unidos com ardor, no novo aspecto,
Se o dom lhes deixa o seio mais dilecto,
Herdade nobre e antiga se levanta.

É assim corre o destino, a toda a hora,
Com a lé de quem ri ou de quem chora,
Sempre a fechar a crença humilde e santa.

Arcos de Valdevez

Freidank

4) Com uma letra
Das invogais,
É uma nota
Das musicais,
Bem conseguirão
Mostrar aptidão.

Luanda

Ti-Beado

TRABALHOS EM PROSA

NOVISSIMAS

5) É fundamental que uma boa intenção se
cumpra completamente. 3-2.

Lisboa

Ricardo (T. E.)

6) Uma das mulheres de Rhea, apesar de ser
mãe de filhos, ainda usa bragas. 1-2.

Luanda

Ti-Beado

7) A mulher que não vê, geralmente, falta à ver-
dade e pensa inconscientemente. 2-2.

Vila Serpa Pinto

Dr. Sicasar (T. E. e L. A. C.)

8) Apesar de teres ousadia e andares sempre
armado de um cajado, não deixas de ser pessoa
magra. 2-1.

Luanda

Ti-Beado

SINCOPADAS

9) E' uma excelente mãe de família a minha
cunhada. 3-2.

Lisboa

Rei-Vera (T. E.) (Postumo)

10) Quem está sempre pronto para a folia,
passa muita fome. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

11) Cristo prégo moral, tanto nos montes
como nas planícies. 3-2.

Lisboa

Bisnau (T. E.)

12) Desejai vida curta a quem muito sofre. 3-2.

Lisboa

Ricardo (T. E.)

13) Caiu na ribanceira, o homem principal do
sequito do regulo. 3-2.

Lisboa

Raz Ferjobatos (T. E. e Os X.)

Toda a correspondência respeitante a esta
secção deve ser dirigida a: Isidoro António Gayo,
redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º —
Lisboa.

NOIVADO E CASAMENTO

O casamento é o fim natural do amor; fundando uma família, criando um lar, os jovens cumprem o mais sagrado preceito, que dá força à sociedade.

A família é a coluna que sustenta a sociedade moderna, como sustentou a antiga e quanto mais se desagregar e a modificarem mais abalado ficará o edifício que representa a actual civilização.

Todas as leis que tenderem para desagregar a família, para cortar ou tornar mais frouxos os laços da família, contribuirão apenas para o afundamento da sociedade actual e o desaparecimento da civilização, engulida pelo mar de anarquia que tenta inundar o mundo provocando uma convulsão que derruirá tudo sem a menor vantagem.

Porque os erros da actual civilização, têm nas leis que tanto espiritualmente, como materialmente governam os homens, remédio para tudo, e não é desagregando a família e contribuindo para um imoral egoísmo, que se poderão tornar melhores os homens e mais suave a vida para os que sofrem dentro do actual estado de coisas.

Antes pelo contrário, isso só poderá servir para piorar a situação de todos, sem vantagem para ninguém.

E' pois bem natural esse desejo de constituir família que atrai os jovens e que lhes acende na alma a doce chama do amor; que dá em noivado e finda em casamento.

Se os rapazes sonham com o amor, as raparigas mais cedo ainda talvez, começam a architectar projectos e a pensar no seu futuro, que será o normal: o casamento.

Conhecem-se dois jovens e começa o noivado, antigamente em Portugal os noivos logo que o pedido oficial estava feito frequentavam a casa das noivas, e, eram recebidos na família, guardados à vista nunca os deixavam trocar duas palavras a sós, e, por isso muitos apaixonados preferiam pedir a noiva a um curto prazo do casamento, porque se era a mais incómoda tortura o namôro da janela abaixo, ao menos conversavam sem estar debaixo dos olhos inquisitoriais duma família inteira.

Nunca uma menina saía sem ser acompanhada e não noivava sem o devido «chaperon», que para toda a parte a acompanhava.

Hoje as coisas mudaram por completo e como sempre caíram no exagero. Se os noivos que conversavam da janela, ou eram recebidos na sala onde estava toda a família reunida não tinham ocasião de se conhecer e casavam num absoluto desconhecimento da maneira de viver das respectivas famílias e até do carácter mú-

tu, porque nem é da janela abaixo nem diante de muita gente que se abre o coração e se despe a alma, os de hoje têm talvez um demasiado conhecimento que os faz perder certas ilusões, o que os não impede de casar, mas que os leva a fazerem-no num preconcebido desejo de não levar até ao fim da vida, a união, o que dá um carácter instável ao casamento, que o divórcio espreita, à sociedade de que a família é esteio e toma o sentimento num material desejo, que por outra forma se não pode satisfazer.

Desde que começa o namôro, o rapaz frequenta a casa da menina, num à vontade completo, saem juntos sem ter a companhia de qualquer pessoa e muitas vezes quando chegam a casar já estão aborrecidos um do outro e sem interesse algum.

Se era martirizar mostrando uma tal desconfiança, é destruir mostrar tão grande indiferença. Os pais das noivas sem tomar esse desagradável aspecto de guardas de corpo, têm a estrita obrigação de vigiar o noivado das filhas e sobretudo não permitir que as noivas saiam sós, embora o carácter e a seriedade de ambos seja da máxima confiança.

A juventude é irreflectida muitas vezes, mas outras raciocina e já tenho ouvido alguns rapazes censurar a liberdade que lhes dão, e, outros louvar a forma como os pais vigiam as noivas, não lhes dando essas liberdades, que só podem ser apreciadas, por aqueles que não são bem intencionados.

O homem que ama verdadeiramente, respeita a mulher, que deseja para companheira da sua vida e gosta de ver que ela tem sido respeitada pelos seus, e, que se respeita a si própria.

A menina que pensa seriamente em fundar uma família, que se lembra que mais tarde terá filhas, que desejará ver respeitadas, sabe colocar-se de forma, a evitar que a família tome esse ar de guardas e também que o noivo não suponha que encontra demasiada liberdade.

E' para a rapariga uma difícil situação que requer muito bom senso, o que felizmente ainda se encontra, a-pesar da crise, que se está manifestando.

Não é das noivas exageradas em paixão, que se pode esperar uma família feliz, os excessos de amor convulsionam tudo e não dão, essa paz que a família necessita, para viver num são equilíbrio.

A confiança mútua, a firmeza no sentimento, o desejo de viver uma vida unida na simplicidade do afecto que os reúne para o bom e para o mau que a vida lhes pode trazer, lhes trás com certeza porque não ha uma vida humana que não contenha bom e mau, esse é o verdadeiro sentimento com que se pode e deve fundar uma família.

De ai virá com certeza um lar exemplar, que em tudo encontrará se não uma perfeita felicidade pelo menos uma união perfeita, que lhes dará a coragem para o mau e a alegria para o bom.

Em geral a rapariga não reflete muito na sua escolha e fá-la não no sentido de fundar família, mas aceitando o que lhe aparece, num desejo de casar em que não pouco influi essa linda «toilette» de noiva, que a tornará bela e a porá em destaque nesse dia. O elegante vestido em setim branco, o véu em ligeiro e finissimo tule, as flores que se sobraçam com elegância não pouco contribuem muitas vezes para esse desejo de casar, que algumas meninas manifestam sem rebuço e quasi até sem pudor.

A ideia das prendas tam'ém não pouco contribuem para que algumas meninas desejem casar. Tudo isso são pequenas fantasias de cerebros ainda infantis. Um dia passa depressa e o vestido de setim sepulta muitas vezes nas suas dobras, a alegria de viver das jovens que casam por tão fúteis e insignificantes motivos.

O casamento é uma coisa séria que tem de ser seriamente encarado e muito ponderado antes de ser resolvido.

É a união de duas pessoas, que viveram vidas diferentes, que foram educadas de maneira diversa, em famílias que têm opiniões que se não combinam e esses dois entes passam a fazer uma



vida única, sem poderem ter vidas independentes, porque isso seria desde logo a desgregação e tudo tem de ser feito pelo amor, pelo respeito mútuo e muito pela transigência de ambos em ceder nas pequenas coisas em que ambos não podem concordar.

O casamento não é uma brincadeira é uma coisa muito séria e a ambos caem graves responsabilidades.

O homem necessita ter a certeza de que é capaz de todos os sacrificios para manter a sua família, toda a indulgência para a mulher, acompanhada de firmeza, se vir que ela não segue o caminho direito e que convém á felicidade do lar, mas essa firmeza não pode nem deve excluir a doçura convincente de muito maior efeito do que a rude imposição.

A mulher precisa ter a certeza que o seu coração é um manancial de ternura que lhe permitirá aceitar todos os sacrificios que o amor e a maternidade lhe exigirem.

Um cuidado constante, no seu lar, uma pontualidade na parte material da vida que é representada pelo relógio no horário das refeições, na organização da vida, de que dependem e muito, o bem estar e a saúde do marido e dos filhos.

E tanto é assim que na Inglaterra foi agora adoptado como presente de casamento do noivo á noiva, num simbolismo interessante e eloquente, um anel e um relógio, em ouro simples se é modesta a fortuna do noivo, em platina e brilhantes se é rico e pode dispendir.

O anel significa a união em que devem viver e a submissão da mulher ao marido...

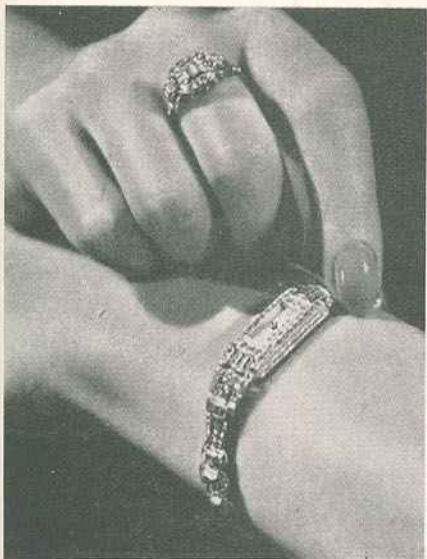
E' um gracioso presente que recorda sem palavras os seus deveres á mulher, é pois necessário, que se invente uma lembrança que indique ao marido aqueles que lhe incumbem.

E' preciso não esquecer também aqueles que serão o seguimento do noivado e do casamento: os filhos.

Os filhos que devem ser o mais caro tesouro daqueles que constituem família, o desejo de os ver felizes, de viver para eles.

E' preciso, que a vida se modifique neste momento em que para o Mundo ela oferece dois caminhos, o da paz e reconstrução, o da guerra e da destruição.

MARIA DE EÇA





com os seus olhos, com a sua inteligência ao serviço do seu coração trouxe o sossego e a tranquilidade a milhões de lares, que se viam ameaçados pela mais espantosa das catástrofes.

Chamberlain tem o direito ao reconhecimento, à gratidão de todas as mulheres e ao respeito e à consideração de todos os homens, porque é muito difícil fazer o que ele fez pondo em jogo a sua reputação, arriscando-se a ver cair numa lamentável falência todos os seus esforços; falência que submergia a sua figura e o seu país num mar de impropriedades.

Falta-se em homenagens a Chamberlain, todas, são poucas. Esse homem merece da parte de todos os que têm alma e coração, todas as homenagens e todos os respetos.

Merece que os seus esforços que foram violentos, porque um homem da sua idade não se



PÁGINAS FEMININAS

maior, mais sentem a gratidão inundar-lhes a alma em face desse outro prestigioso que não poupa esforços para conservar a paz ao mundo e a tranquilidade às almas, não devem poupar esforços para tornar melhor a sociedade, trabalhando dentro do seu meio, para diminuir o mal que avassala o mundo e a miséria que diminui o homem, não só o que a sofre mas também aquele que contribui para que ela exista, explorando-a muitas vezes e não a socorrendo outras.

Eis a mais linda homenagem das mulheres de todo o mundo a Chamberlain, o homem da paz.

MARIA DE EÇA.

A MODA

A moda de inverno apresenta-nos este ano uma grande variedade de abafos, mas predominam sempre os casacos compridos a que nos habituámos e sem os quais dificilmente podemos passar.

Nada mais cómodo do que esses casacos de agasalho que se vestem sobre qualquer vestido ou sobre uma saia e «chandailles» e ficam sempre bem.

E por isso que quasi todas as senhoras os preferem a qualquer outro abafio, porque além de bonitos são cómodos.

Para complemento dos casacos impermeáveis, usados nos dias de chuva, tem aparecido este ano acessórios interessantíssimos que quasi evitam o uso do guarda-chuva.

Há lenços em setim impermeável, mas muito mais graciosos é o capuz com uma ligeira remeira que se adapta sobre a capa ou casaco



expõe sem sacrificio a fazer viagens de avião, a ter consciências que exigem toda a tensão da inteligência, da vontade e da sensibilidade; sejam aproveitadas por todos numa compreensão do que foi o seu esforço e que será a melhor homenagem ao que ele foi para todos nós.

A homenagem da compreensão do seu admirável gesto que ficará na história das nações como um dos mais sublimes que tem havido.

Seria a sua melhor recompensa por todos os países trabalharem para o seu engrandecimento dentro da paz, sem ambições que firm o direito dos outros países.

Trabalharem numa união de todos os esforços para engrandecer a indústria e o comércio, para aumentarem o bem estar e diminuir a miséria que alastra diminuindo a resistência humana, e trazendo às almas o ódio, que se gera na dissolução de nada ter, e de nada conseguir, nem sequer o trabalho que dará um bocado de pão.

Será para esse coração de pai e de avó uma recompensa como outra não haveria o saber que já não há crianças com fome. É preciso aproveitar a paz para a qual trabalhou esse homem que já não é novo, para levar a todas as inteligências a compreensão do que é o amor do próximo, a verdadeira fraternidade, a única, e que todos trabalhando com vontade e ofício conseguissem diminuir o mal estar dos que sofrem, a falta de tudo que é imprescindível à vida.

É às mulheres que pela sua sensibilidade

DEPOIS dama temporada de sobressaltos e preocupações com a iminência duma guerra que seria a desgraça da humanidade e o fim duma civilização, vieram dias de sossego e de tranquilidade, com a promessa de paz, que nos veio da conferência de Munich.

Esse sossego que trouxe um clarão de alegria ao coração de todas as mulheres do mundo, filhas, mãs, irmãs, mulheres ou notas daqueles que partiriam para o combate, vítimas elas também, quem o não seria numa guerra moderna? Debeu-lo a seu espírito do espírito dum grande homem do nosso tempo.

Neville Chamberlain tem a visão nítida do horror que seria uma guerra com toda a ciência ao serviço da destruição e sem preconceitos, sem receio do que se poderia dizer, ele saiu só a combater pela paz.

Houve logo quem dissesse, que ele rebatizara a Inglaterra, humilhando-a, houve quem atribui-se a sua atitude ao receio do armamento alemão, mas a verdade é que esse homem foi o herói da paz, para a qual trabalha há muito, como já há meses o disse às minhas leitoras num artigo.

Ser o herói da paz, nos momentos que atravessámos foi mais difícil do que é ser o herói da guerra e Chamberlain, que teve a visão nítida do momento político pode orgulhar-se de ter elevado a Inglaterra, de a ter imposto ao respeito e à estima de todo o mundo.

Porque apesar da modificação de sentimentos, que se nota no sentido do nosso tempo, ainda a bondade é mais respeitada, do que é temida a maldade.

E deve ser para um coração de homem, a recompensa de todas as lágrimas de alegria choradas pelas mãs que viam os seus filhos em perigo, e a consciência satisfeita de ver que

mesma fazenda que dum lado servem de abotoadura, junto ao pescoço forma bandas. As mangas são curtas, mas nesta época convém mais fazê-las compridas visto que entre nós são raras as casas com aquecimento central que permitam o uso de certos modelos estrangeiros. Ao lado está o casaco que se usa com este vestido. E' em grossa fazenda preta, acertado e muito simples. Chapéu em feltro preto guarnecido com um véu.

Como é pratico este conjunto avaliavmo as nossas leitoras.

Para a noite dois lindos modelos originaes e elegantes.

Um dos vestidos em forma «princesse» completamente justo é visto pela frente e por detrás. Em setim branco é todo bordado a «pailletes» brilhantes pretas formando largos desenhos. Como abafio uma pequena caixa em «nison».

O outro modelo é uma linda «toilette» em pesado «crepe georgette» cor de violeta do Parma, a única guarnição que tem é formada por franjos encorvolados que fazem uma frente rodada, nas costas tem o mesmo motivo que forma a cauda e aos lados um ligeiro franzido mantém a linha. E' um elegantissimo vestido que convém a qualquer senhora. O vestido branco bordado exige uma linha de corpo impecavel.

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS

Consérto de facas e garfos — É frequentissimo no uso quotidiano desencabarem-se as facas e os garfos com cabo de marfim, osso ou madeira e as facas mesmo as que têm cabo de prata. É sempre uma mácaida esperar que as consertem e é uma coisa que se faz em casa com a maior facilidade.

O meio rápido de reparar esse desastre é o seguinte: Aquecer fortemente o espigão da lamina metálica desencabada, quasi ao rubro, e metê-la assim quente na cavidade do cabo, tendo-lhe deitado previamente um pó composto da



seguinte mistura. Resina quatrocentas e cinquenta gramas, flôr de enxofre cento e quarenta gramas, areia muito fina quatrocentas e dez gramas.

Imediatamente aderem e ficam como novas o que é da maior utilidade porque nada ha de mais feio do que ver uma mesa com os talheres desencabados e maltratados.

Pur luxo que haja na mesa na qualidade das loiças, dos talheres, dos cristais, e até das flores, essa mesa perde todo o seu encanto, fazendo outra vista uma modesta mesa em que esteia tudo devidamente tratado.

JUSTIÇA E VALENTIA

AGRAVAV, irmão de Temístocles, que viveu 500 anos antes de Cristo, tinha sempre um conceito a apresentar e um bom conselho para os impulsivos. Sendo valente, não abusava da sua força para cometer violências.

Um dia, perguntaram-lhe qual era a maior virtude — se a justiça ou a valentia.

— Se os homens todos fossem justos — respondeu — não seria preciso que fossem valentes.

PRIMEIRA FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — D. V. 10, 6, 5
 Copas — — — — —
 Ouros — A. D.
 Paus — A. D. 8.

Espadas — — — — — **N** Espadas — 9, 8, 7
 Copas — R. D. 19, 8 **O** Copas — V. 6
 Ouros — V. 10, 9 **E** Ouros — R. 8, 6, 5, 4
 Paus — R. 9, 3 **S** Paus — — — — —

Espadas — A. R.
 Copas — A. 9, 7, 5, 2
 Ouros — — — — —
 Paus — 10, 7, 5

Trunfo é paus. **O** ataca com R. de copas e **S** faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S — 2 e, **N** — A. e, **E** — R. o.

N — 2 e, **S** — A. e.

S — R. e, **N** — V. o.

N — V. o. Se **O** se balda a A. 7, firma o 2 7 de **N**, se se balda a D. e firma o 3 e de **S**, se se balda a D. o, **S** faz 2 o e **E** tem de jogar copas.

Se sobre o A. e de **N**, **E** se balda a 3 o, o jogo corre da mesma forma até final, havendo só que ter atenção às baldas.

Se **E** se balda a copas, firma logo duas cartas de copas de **N** e **S** cumpre sempre.

A rosa de Jericó

A rosa de Jericó é uma plantinha anual muito curiosa, da família das crucíferas e que nasce nos areais da Síria e da Arábia. A sua haste, dividida desde a base, ramifica-se e subdivide-se; as folhas são felpudas; as flores são brancas e muito pequenas. No fim da vegetação, as folhas caem, os ramos unem-se uns aos outros, e entrecruzam-se de modo a formar um novelo da grossura duma laranja, que o vento, arranca e faz rebolar pelas praias. Apanha-se a planta nesse estado e traze-se para a Europa. Colocada numa atmosfera húmida, desabrocha e retoma uma aparência de vida; novamente seca, torna a fechar.

Quando foi começado e acabado o canal de Suez

Este canal, que tem 164 quilómetros de comprimento e para o qual tiveram de ser removidos 70 milhões de metros cúbicos de terra, foi começado em 25 de Abril de 1869. Ao princípio, só se contavam 150 trabalhadores na praia de Port-Said. Dois anos depois, trabalhavam 8.000 operários na construção do canal, e no ano seguinte, eram já 26.000.

O decano dos jornais

O decano de todos os jornais impressos do mundo, foi, há pouco tempo, victima da guerra sino-japonesa.

Trata-se do *Peiping Bao* que os japoneses ultimamente suprimiram.

Esse jornal, cujo início provém dos começos do século VIII, teria sido fundado no ano 402, segundo os historiadores da imprensa chinesa. O seu fundador foi o «Sou-Kung, denominado o Gutemberg chinês» que foi não só o primeiro impressor do mundo, mas também, o primeiro jornalista do Celeste Império.

O bosquezinho

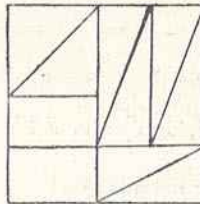
(Problema)

Tendo um proprietário 19 árvores a plantar, para formar com elas um pequeno bosque, levou em capricho plantá-las em 9 filas rectas, com 5 árvores em cada fila.

Como terá êle conseguido isto?...

Paciência geométrica

(Solução)



Um afamado naturalista inglês disse que se o mundo ficasse sem pássaros seria inhabitável, quaisquer que fôsem as invenções do homem para destruir os insectos.

Êstes, na sua grande variedade, destruiriam as colheitas todos os anos.

A cidade mais alta do mundo

A cidade que se encontra nestas condições é La Paz, capital da Bolívia, que fica a 4.510 metros acima do nível do mar. É mesmo sem outra distinção, aquela que se acha situada a maior altitude, provavelmente, pois não esqueçamos que essa altitude é quasi a dos mais altos cumes do Monte Branco.

E raras são, com certeza, as cidades que ocupam no Universo, posição geográficamente tão predominante.

Não há nenhuma flor preta. Há algumas cuja cor é tão escura, que a curta distância parecem negras, mas não o são. Na Noruega fizeram-se muitas tentativas com o fim de mudar as cores das flores por meio das substâncias químicas; mas nunca se conseguiu obter uma flor de cor negra pura.



— Não sei que acho a teu marido. Parece estar muito mudado!
 — Não admira que o estranhes! E' outro marido, já não é o mesmo.

(«Il 420», Itália)

Autógrafos valiosos

Vendeu-se, recentemente, na Galeria Charpentier, em Paris, um autógrafo de Hitler, por 18.000 francos. Trata-se de um documento referente à nomeação de de Roehm para condutor militar de união de combate, isto é, dos S. A. do partido nacional-socialista. Tem a data de 1 de Abril de 1925.

Também atingiu o preço de 4.500 francos, um autógrafo de Mussolini, que evoca a ressurreição victoriosa de Outubro de 1922 e decreta a organização fascista do Estado italiano.

Em menos dum minuto

(Solução)

Eis uma solução, mas há mais:

2	3
4	5
7	6
9	8
22	22

Nos princípios da Igreja era o clero e o povo, e muitas vezes só o clero, quem elegia os Papas. Actualmente são eleitos pelos cardiais, que ficaram gosando esse direito desde o ano de 1142. Em 1274 por Decreto de Gregorio X, começaram.



Este garoto está pescando e em volta d'êle encontram-se: o pai, um porco espinho, duas lontras, uma rã, um cavalo e quatro peixes. Virando a gravura em vários sentidos aparece logo tudo isto.

À VENDA O ALMANAQUE BERTRAND

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 374 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

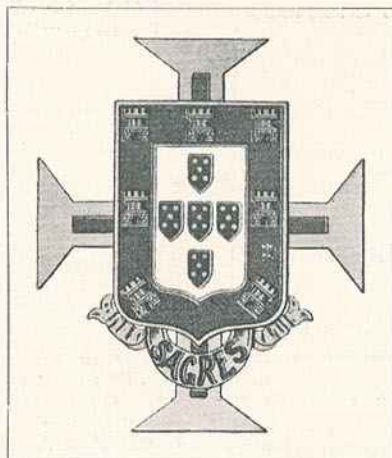
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

LIVROS Para as escolas comerciais e industriais

Algebra Elementar, enc.....	13\$00
Aritmética Prática, enc.....	13\$00
Desenho Linear Geométrico, enc.....	12\$00
Elementos de Química, enc.....	15\$00
Elementos de Mecânica, enc.....	12\$00
Elementos de História da Arte, enc.....	25\$00
Física Elementar, enc.....	15\$00
Geometria Plana e no Espaço, enc.....	15\$00
O Livro de Português, enc.....	12\$00
Elementos de projecções, enc.....	18\$00
Escrituração comercial e industrial, enc.....	12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA
de CANDIDO DE FIGUEIREDO

é um bom dicionário escolar. — Na sua categoria é o mais completo
TEM AS DUAS ORTOGRAFIAS

Um vol. de 1.468 págs. encad. Esc. 25\$00
Pelo correio, à cobrança, Esc. 29\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA
A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES
ROMANCE
POR SAMUEL MAIA

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA
MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL
Esc. 4\$00

VIVER!
Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza
Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS
RECEITAS ESCOLHIDAS
POR ISALITA

1 volume encader. com 351 paginas .. 25\$00

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O BÊBÊ
A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fons ca.

Um formosissimo volume ilustrado 6\$00

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. 15\$00

ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50

ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00

FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

PATRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50

POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00

UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50

VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3\$00

CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. 3\$00

CASTRO (A) — (2.ª edição), br. 3\$00

CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1\$50

CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3\$00

D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

D. RAMON DE CAPICHURLA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00

MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. 3\$00

1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00

O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4\$00

PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. 4\$00

PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. 2\$00

REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00

REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. 5\$00

ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2\$00

SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00

SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. 3\$00

UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 12\$00; br. 8\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.^a parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.^a parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.^a parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
- Vinte mil léguas submarinas**:
- 12 — 1.^a parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.^a parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.^a parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.^a parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
- Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.^a parte — **A invasão**. 1 vol.
- O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.^a parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- Heitor Servadac**, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.^a parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.^a parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A gelera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.^a parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
- A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.^a parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.^a parte — **A justificação**. 1 vol.
- As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 1.^o vol.
- 36 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 2.^o vol.
- 37 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.^o vol.
- 38 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.^o vol.
- 39 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.^o vol.
- 40 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
- Kériban, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — **De Constantinopla a Scutari**
- 44 — 2.^a parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrêla do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
- Matias Sandorff**:
- 47 — 1.^a parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.^a parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.^a parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.^a parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.^a parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.^a parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
- Cesar Cascabel**:
- 61 — 1.^a parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.^a parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.^a parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
- A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.^a parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
- A esfinge dos gélos**, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.^a parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
- O soberbo Orenoco**, trad. de Anibal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.^a parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



OITO VIRTUDES QUE MARCAM

a categoria inconfundível dos Fogareiros Vacuum

Fale V. Ex.^a com as pessoas das suas relações e tôdas elas lhe confirmarão as apreciáveis qualidades dos Fogareiros Vacuum.

Consumem 1½ decilitro de petróleo, por hora, e ferverem 1 litro de água, aproximadamente, em 5 minutos.

Só são Fogareiros Vacuum aqueles que têm gravada a marca VACUUM.

FOGAREIROS VACUUM

